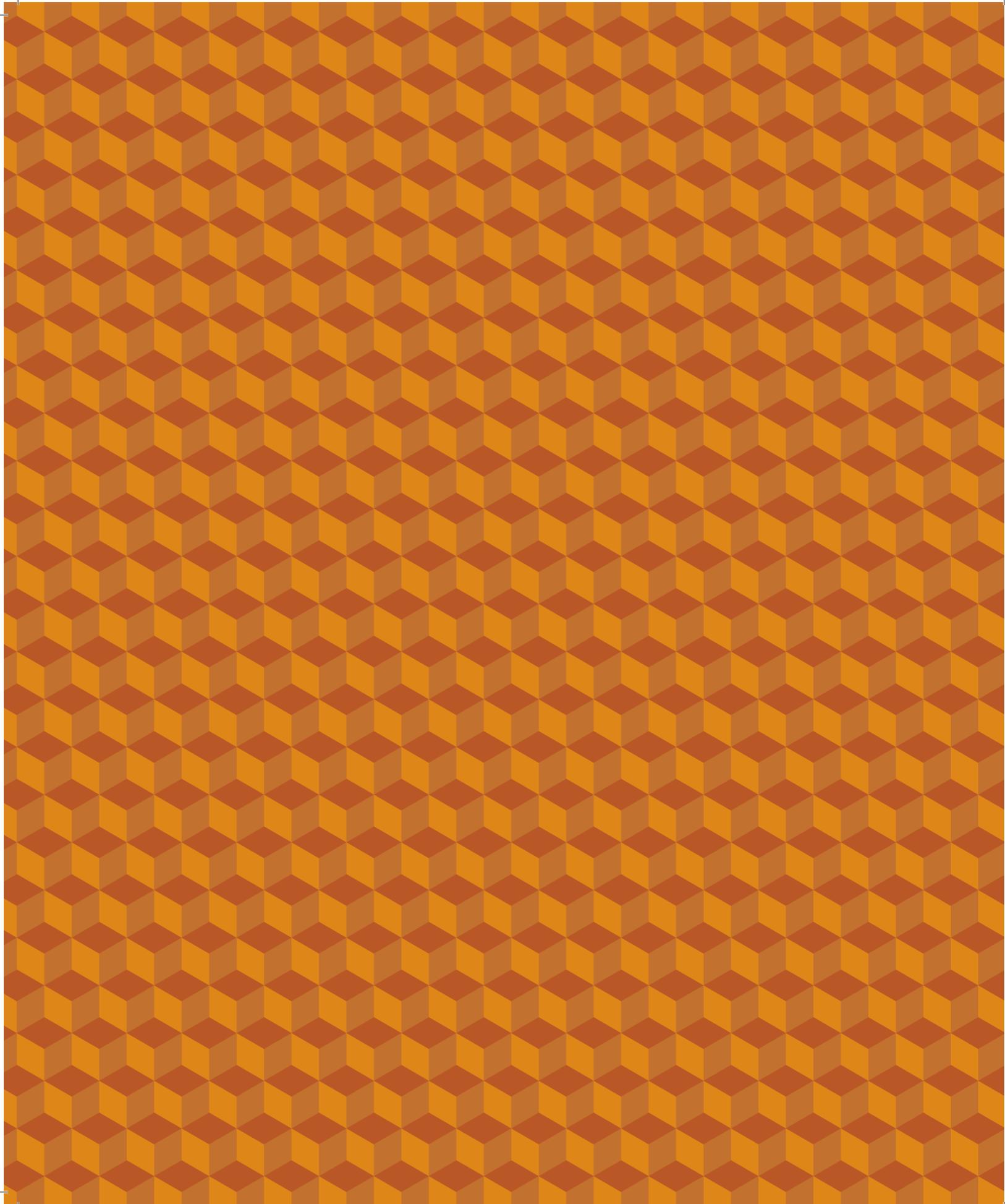




GUIA DE
Educação
PELÀ
Comunicação
NA ESCOLA





Guia de Educação pela Comunicação na escola

Realização:

CIPÓ – Comunicação Interativa

Correalização:

Secretaria de Educação de Dias D'Ávila

Secretaria de Educação de Camaçari

Parceria:

COFIC – Comitê de Fomento Industrial de Camaçari

CIPÓ – Comunicação Interativa

Núcleo de Disseminação / Projeto Escola Interativa: Sistematizar e Disseminar em Parceria

Educadoras

Ana Fernanda Souza

Ana Flávia Sousa

Entretantos – Guia de Educação pela Comunicação na Escola

Textos

Ana Fernanda Souza

Projeto Gráfico e Editoração

Estúdio Zito – Everton Marco e Tiago Ribeiro

Colaboradores:

Ana Flavia Sousa, Daniella Rocha, Fernanda Pimenta, Juliana Machado, Luciano Simões,

Milena Oliveira, Sandra Loureiro

Revisão final

Paula Rios

Grupo de Referência de Professores

Adeilde Márcia S. Ferreira - Colégio Municipal Laura Folly

Ana Isabel de Oliveira - Centro Educacional Padre Camilo Torrend

Claudia Cristiane Verçosa Simões de Farias - Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade

Claudia Cristina Santos Bastos - Centro Educacional Normélio Moura da Costa

Clementina C. Paraguassu – Escola Municipal Professora Anfrísia Santiago

Edmilson Conceição Barbosa - Escola Municipal Professora Altair da Costa Lima

Edna Maria Elias dos Santos - Escola Municipal Professora Altair da Costa Lima

Flávia Rita Rebouças Cerqueira - Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade

Janilda Lopes dos Santos – Colégio Municipal Laura Folly

Jaqueline Souza de Lima - Centro Educacional Normélio Moura da Costa

Marcos Antônio Santos Souza - Centro Educacional Normélio Moura da Costa

Maria do Carmo Lisboa Lima - Escola Municipal Professora Altair da Costa Lima

Patrícia Barreto Santos - Centro Educacional Padre Camilo Torrend

Rosana Pereira de Bastos Santos - Centro Educacional Normélio Moura da Costa

Sandra Barbosa de Jesus Santana- Escola Municipal Professora Altair da Costa Lima

Verônica Santana Aguiar – Escola Municipal Professora Anfrísia Santiago

Luís Claudio Aguiar Silva - Centro Educacional Padre Camilo Torrend

Índice

Apresentação:	Página 06
Princípios da Educação pela Comunicação:	Página 08
Capítulo 1 - Educação pela Comunicação	Página 23
Capítulo 2 - Por onde começar:	Página 26
Capítulo 3 - A produção Passo a passo:	Página 34
Capítulo 4 - Mobilização:	Página 46
Referências:	Página 55
Anexo:	Página 56

APRESENTAÇÃO

Cursos, formações e manuais são uma constante na vida de educadores. Nada mais natural: afinal, professores são trabalhadores intelectuais e, se a formação continuada é uma realidade em todas as áreas do conhecimento, mais ainda deve ser na área de educação, cuja matéria prima é o saber.

Mas é natural também que, diante da avalanche de conhecimentos e novas informações, os materiais se avolumem e seus leitores não dêem conta de lê-los, todos. Ou ainda, que tais materiais sejam encarados com saudável ceticismo.

“Mais um Guia?”, você pode estar se perguntando. Mas este, asseguramos, é diferente. A começar pela autoria: é escrito a muitas mãos, principalmente mãos de professores que conhecem de perto a labuta de conduzir uma sala de aula de escola pública sem deixar a peteca cair.



Esse Guia é fruto da parceria entre a organização não-governamental CIPÓ - Comunicação Interativa, o Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (COFIC) e as Secretarias de Educação dos municípios de Dias D'Ávila e Camaçari, Região Metropolitana de Salvador - parceria que, no ano de 2011, completou cinco anos. Durante todo esse período, a CIPÓ propôs, sempre com o apoio do COFIC, formações e oficinas sobre Educação pela Comunicação para professores e alunos das redes públicas de ambas as cidades.

Em 2011, pensamos: por que não avaliar o que foi realizado até aqui? Nascia o projeto "Escola Interativa: sistematizar e disseminar em parceria". Ao longo de cinco meses, realizamos com quarenta professores - vinte de cada município - encontros presenciais e à distância, com o objetivo de apoiá-los na condução de seus projetos em Educação pela Comunicação e, ao mesmo tempo, registrar suas experiências nas escolas.

Bem sucedidas, difíceis, simples, desafiadores, apaixonantes, são essas experiências, conduzidas por professores como você em escolas como a que você trabalha, que compõem o corpo e a alma desse trabalho. O que faz a liga é a Educação pela Comunicação, metodologia com a qual a CIPÓ trabalha já há onze anos e que, acreditamos, é uma das saídas para os desafios que a educação, principalmente em sua modalidade pública, enfrenta hoje.

Não foi um trabalho fácil, porque fácil não é a época em que vivemos. Quebra de paradigmas, novas sociabilidades, fluxos simultâneos de comunicação, todas essas questões desafiam a escola, que ainda luta para se reinventar além do modelo de transmissora de informações. Conduzir um projeto em Educação pela Comunicação na escola implica em enxergar em todo esse aparente caos possibilidades educativas. Repetimos: não é fácil. Mas é um caminho para a escola que precisa continuar existindo em um mundo em constante transformação.

Capítulo

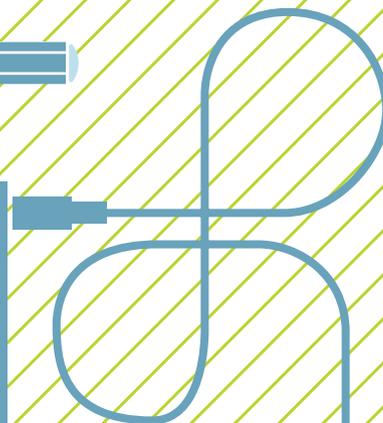
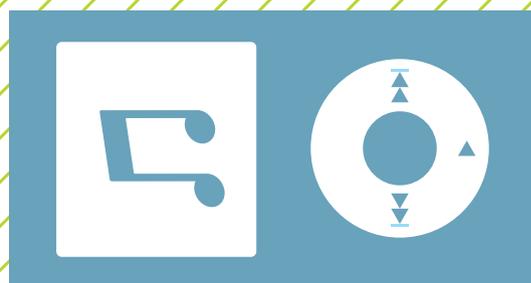
1

A EDUCAÇÃO *pela*

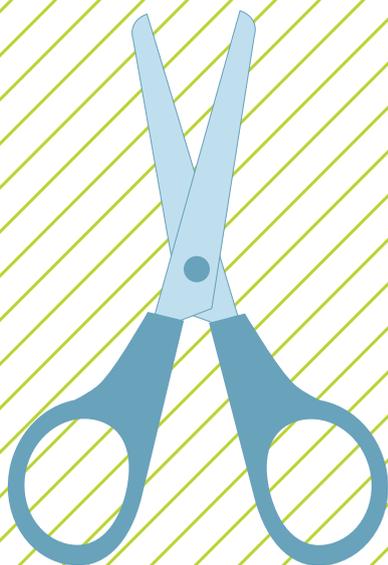
COMUNICAÇÃO

Eles chegam à sala de aula às dezenas. São barulhentos e levam a pecha de dispersos e indisciplinados. Portam telefones celulares sempre ligados. Atendem ligações durante a aula – os toques engraçadinhos são um show à parte –, tiram fotos de si mesmos e dos colegas, passam recadinhos via SMS. E, enquanto tentam chamar a atenção dos estudantes para o conteúdo programático, os professores precisam competir com novidades da celebridade da vez, com os detalhes da novela ou com uma briga entre estudantes que começou graças a uma fofoca postada em uma rede social...





Essa é a sala de aula do início do século XXI.



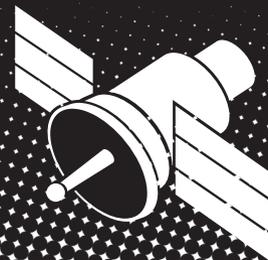
Não é necessário falar em inserir a comunicação na escola. Ela, a comunicação, já está no ambiente escolar graças, principalmente, aos estudantes, que "forçaram a barra" do muro da escola e levaram o mundo, na forma dos artefatos tecnológicos, para dentro das quatro paredes da sala de aula.

Mas, que mundo é esse?



Um mundo em mutação

Idade Mídia, Sociedade da Informação, Sociedade do Conhecimento, Pós-Modernidade, Modernidade Tardia, Modernidade Líquida... São muitos os nomes com os quais os estudiosos batizam o tempo em que vivemos – que vamos chamar, aqui, apenas de contemporaneidade. Embora ainda estejamos no “olho do furacão”, vivendo os efeitos de todas essas mudanças, já é possível identificar algumas características do atual momento histórico.



10

Para entender melhor, vamos recuar um pouco no tempo, rumo ao século XVII, mais precisamente em 1637, quando o pensador francês René Descartes publica seu “Discurso sobre o método” e cunha a famosa frase **“penso, logo existo”**. Um século mais tarde, surge, também na França, o Iluminismo, movimento filosófico, político, social, econômico e cultural que defendia o uso da razão como o melhor caminho para se alcançar a liberdade, a autonomia e a emancipação.

Durante muito tempo, todas as instituições da nossa sociedade – as escolas incluídas – comportaram-se a partir da crença de que os seres humanos eram absolutamente racionais, estáveis e centrados. Essa ideia funcionou mais ou menos bem até certo ponto.

À medida que as ciências humanas e sociais avançavam, que as cidades cresciam, que os novos movimentos políticos e sociais se organizavam, que os meios de transporte ficavam mais rápidos e – importante para nós – as tecnologias de comunicação se desenvolviam vertiginosamente, a visão iluminista começou a ser posta em cheque.

Os estudos de Sigmund Freud a respeito do inconsciente provaram que o ser humano pode ser bastante irracional. Os movimentos sociais de 1968 ajudaram a por em cheque instituições cristalizadas e a devolver o poder aos indivíduos. A rapidez nos deslocamentos “desenraizou”, por assim dizer, as pessoas: saber que era possível atravessar um

A discussão sobre as mudanças na concepção do sujeito – de racional a descentrado - pode ser encontrada no livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, de Stuart Hall

Você conhece a música "Parabolicamará"? Nela, o artista Gilberto Gil apresenta de maneira poética essa realidade histórica

continente em algumas horas e que era mais fácil viver em um lugar completamente diferente daquele de origem tornou o mundo um lugar menor.

A globalização foi outro elemento a sacudir as estruturas do mundo antigo. De uma hora para outra, o planeta parecia não ter mais fronteiras. Hoje, não é mais surpresa usar produtos, bem como interagir com a cultura de países bem distantes. Celulares fabricados na China e restaurantes de comida mexicana convivem com manifestações culturais locais – e da mistura do local com o global surgem outras variedades de misturas, poderosas e surpreendentes.

Se observarmos a história, veremos que a humanidade sempre interagiu com outros povos – nosso país, por exemplo, foi anexado como colônia portuguesa graças ao movimento das grandes navegações. A globalização trouxe como novidades a velocidade e intensidade com que o processo vem ocorrendo.

Não há dúvidas: O mundo está diferente. Os cidadãos e as instituições precisam adaptar-se a essa constatação.

E a Escola?



A transformação que atingiu mais poderosamente a escola foi, sem dúvida, a revolução nas tecnologias de informação e comunicação (TICs). Capitaneada pela Internet, a explosão das TICs colocou-nos em contato diário com uma grande quantidade de informação, que chega rapidamente às populações, por meio de inúmeras fontes, de diversos pontos do mundo.

Hoje, sabe-se do mundo não apenas pelos grandes conglomerados de comunicação (emissoras de TV e rádio, distribuidoras de cinema, jornais tradicionais). Potencialmente, cada pessoa ou instituição pode se tornar em um polo emissor de informações qualificado, bastando para isso, ter um computador conectado à internet e aos artefatos como câmeras para registro fotográfico e audiovisual – tudo isso a um custo cada vez mais baixo.

Essa possibilidade de emitir sua própria versão sobre os fatos e sobre a própria vida não diminui, no entanto, o problema da concentração da grande

mídia nas mãos de poucas famílias. **Hoje, milhares de pessoas têm acesso aos mesmos filmes, as mesmas expressões musicais, as mesmas imagens e à realidade que coloca as manifestações culturais locais em situação complexa.** Diante do apelo comercial proporcionado pelos produtos culturais de alcance global – como o cinema hollywoodiano, a música pop, as séries televisivas – as culturas locais tendem a ser desprestigiadas e encaradas como atrasadas, o que é um desafio para todos nós:

como contemplar o novo e o tradicional?

No que diz respeito às comunicações, o mundo em mutação em que vivemos nos coloca diante de um duplo desafio: aprender a apropriar-se das tecnologias de comunicação já existentes, utilizando-as como forma de expressão neste mundo; e aprender a interagir de forma qualificada com os conteúdos da chamada “grande mídia”.

Com isso, a instituição escolar deixou de ser a detentora do monopólio do conhecimento. Todo o conteúdo programático pode ser acessado, facilmente, via Internet, o que coloca a escola diante de uma questão: se ela não é mais a única responsável por repassar a informação, qual deve ser o seu papel neste mundo em mutação?

Intelectuais e estudiosos da educação apontam para uma saída:

fazer da escola um espaço em que os estudantes não acumulem a informação, mas aprendam a interagir com ela – seja aprendendo como identificar e localizar a informação já acumulada, seja transformando-a em conhecimento.

Em julho de 2011, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu que o acesso a Internet é um direito – estados totalitários não podem mais privar seus cidadãos de usar a rede mundial de computadores. Essa decisão da ONU vem ao encontro das ações que muitas organizações – entre elas, a CIPÓ – Comunicação Interativa – vêm realizando há anos, em prol da compreensão da comunicação e da informação como um direito humano.

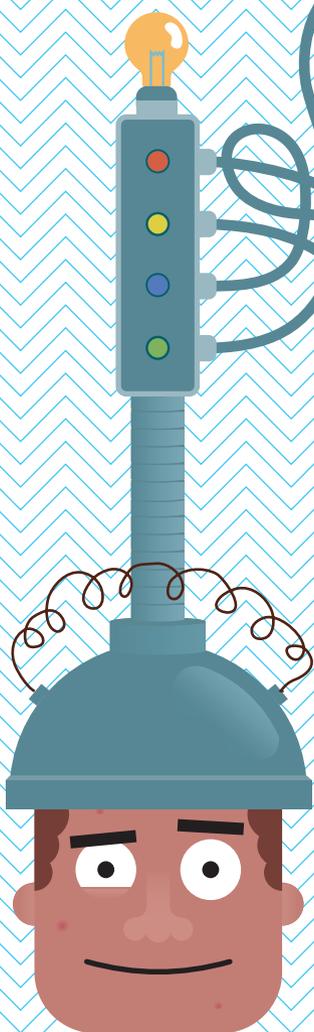
Tão ou mais importante do que o conteúdo programático é a aprendizagem dos Códigos da Modernidade, como nomeou Bernardo Toro:

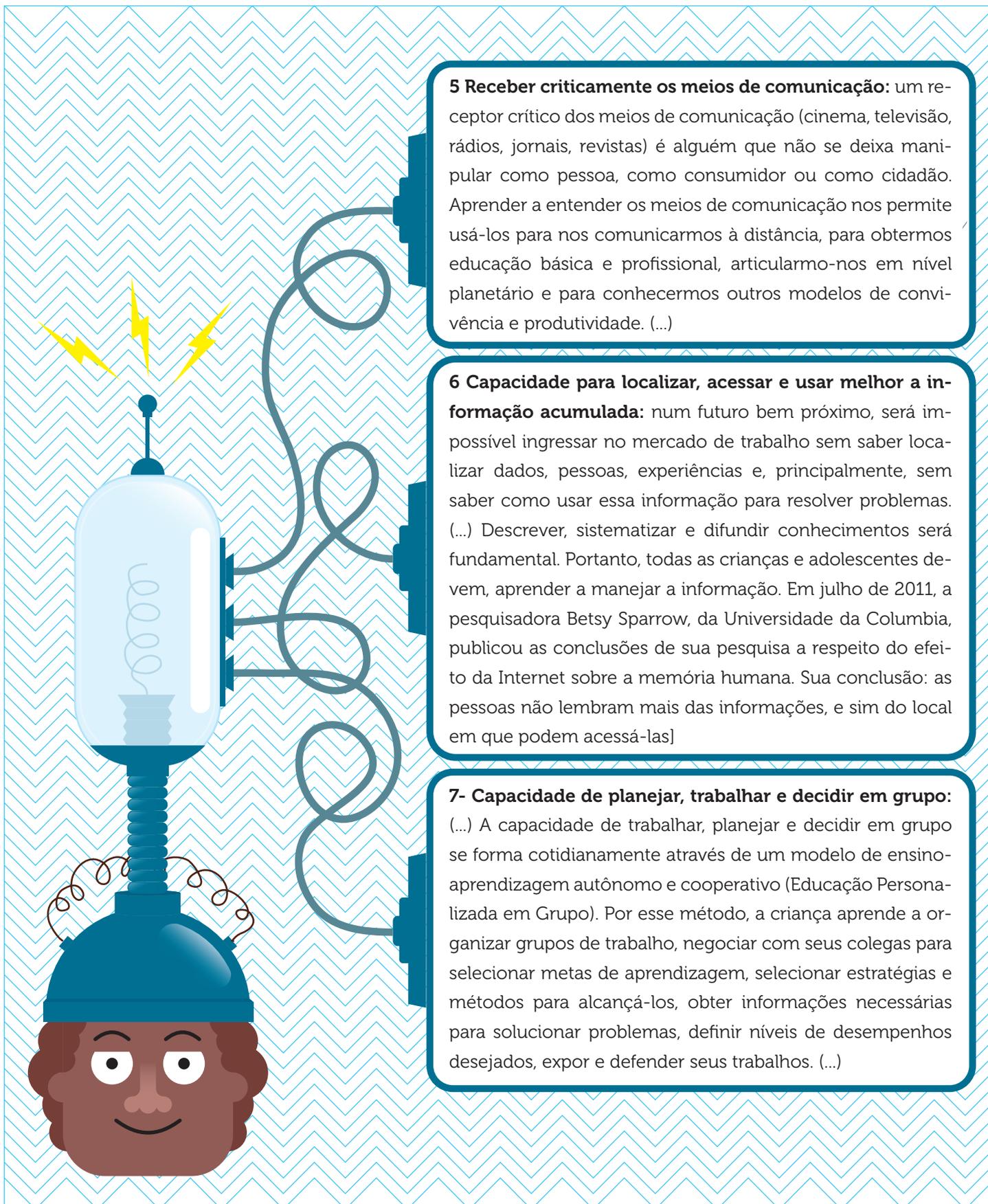
1. Domínio da leitura e da escrita: (...) Os melhores professores, as melhores salas de aula e os melhores recursos técnicos devem ser destinados às primeiras séries do ensino fundamental. Saber ler e escrever já não é um simples problema de alfabetização, é um autêntico problema de sobrevivência. Todas as crianças devem aprender a ler e a escrever com desenvoltura nas primeiras séries do ensino fundamental, para que possam participar ativa e produtivamente da vida social.

2 Capacidade de fazer cálculos e de resolver problemas: (...) Calcular é fazer contas. Resolver problemas é tomar decisões fundamentadas em todos os domínios da existência humana (...). Na sala de aula, no pátio ou na direção da escola, é possível aprender a viver democrática e positivamente, solucionando as dificuldades de modo construtivo, respeitando os direitos humanos.

3 Capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações: (...) Não é possível participar ativamente da vida da sociedade global, se não somos capazes de manejar símbolos, signos, dados, códigos e outras formas de expressão linguística. Para serem produtivos na escola, no trabalho e na vida como um todo, os alunos deverão aprender a se expressar com precisão por escrito.

4 Capacidade de compreender e atuar em seu entorno social: a construção de uma sociedade democrática e produtiva requer que as crianças e jovens recebam informações e formação que lhes permitam atuar como cidadãos. (...)





5 Receber criticamente os meios de comunicação: um receptor crítico dos meios de comunicação (cinema, televisão, rádios, jornais, revistas) é alguém que não se deixa manipular como pessoa, como consumidor ou como cidadão. Aprender a entender os meios de comunicação nos permite usá-los para nos comunicarmos à distância, para obtermos educação básica e profissional, articularmo-nos em nível planetário e para conhecermos outros modelos de convivência e produtividade. (...)

6 Capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada: num futuro bem próximo, será impossível ingressar no mercado de trabalho sem saber localizar dados, pessoas, experiências e, principalmente, sem saber como usar essa informação para resolver problemas. (...) Descrever, sistematizar e difundir conhecimentos será fundamental. Portanto, todas as crianças e adolescentes devem, aprender a manejar a informação. Em julho de 2011, a pesquisadora Betsy Sparrow, da Universidade da Columbia, publicou as conclusões de sua pesquisa a respeito do efeito da Internet sobre a memória humana. Sua conclusão: as pessoas não lembram mais das informações, e sim do local em que podem acessá-las]

7- Capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo: (...) A capacidade de trabalhar, planejar e decidir em grupo se forma cotidianamente através de um modelo de ensino-aprendizagem autônomo e cooperativo (Educação Personalizada em Grupo). Por esse método, a criança aprende a organizar grupos de trabalho, negociar com seus colegas para selecionar metas de aprendizagem, selecionar estratégias e métodos para alcançá-los, obter informações necessárias para solucionar problemas, definir níveis de desempenhos desejados, expor e defender seus trabalhos. (...)

Claro que essa não está sendo uma transição simples, principalmente, quando se leva em conta que as políticas de educação ainda não contam com a agilidade necessária para equipar, conectar e fazer a manutenção dos equipamentos instalados nas escolas – o que nos aponta que uma parte da solução do problema está em construir políticas públicas que levem em conta esse novo contexto.

Apesar disso, vemos muitos professores que, mesmo com pouca infraestrutura, fazem de tudo para conduzir seu trabalho de acordo com essa nova realidade.

Apesar desses esforços individuais, não podemos perder de vista que a qualidade na educação depende de uma mudança no sistema de ensino e no valor dado à carreira do educador que precisa ser mais valorizada. Essa transformação pode demorar, mas é fundamental.

A Educação pela Comunicação

Este é o admirável mundo novo em que vivemos. Diante dele, a Educação pela Comunicação emerge como uma metodologia que vai ao encontro dos desafios do mundo contemporâneo. *Trata-se de uma forma de ensinar e aprender que envolve os educandos na elaboração e na disseminação de produtos comunicacionais – jornais, fanzines, programas de rádio, vídeo, blogs – com conteúdo socioeducativo que contribui para dar sentido às informações que recebem.*

A metodologia tem sua origem nos marcos teórico-metodológicos definidos a partir dos campos da **Comunicação, Educação e Participação:**

- **No campo da Comunicação**, são os estudos envolvendo a recepção e a produção de mídias alternativas que delimitam o fazer educomunicativo;
- **No campo da Educação**, o construtivismo, o sociointeracionismo e a pedagogia crítica inspiram e fundamentam essa prática;
- **No campo da Participação**, as novas formas de ação social definidas pela participação em redes e práticas de cogestão de políticas públicas.

Comunicação

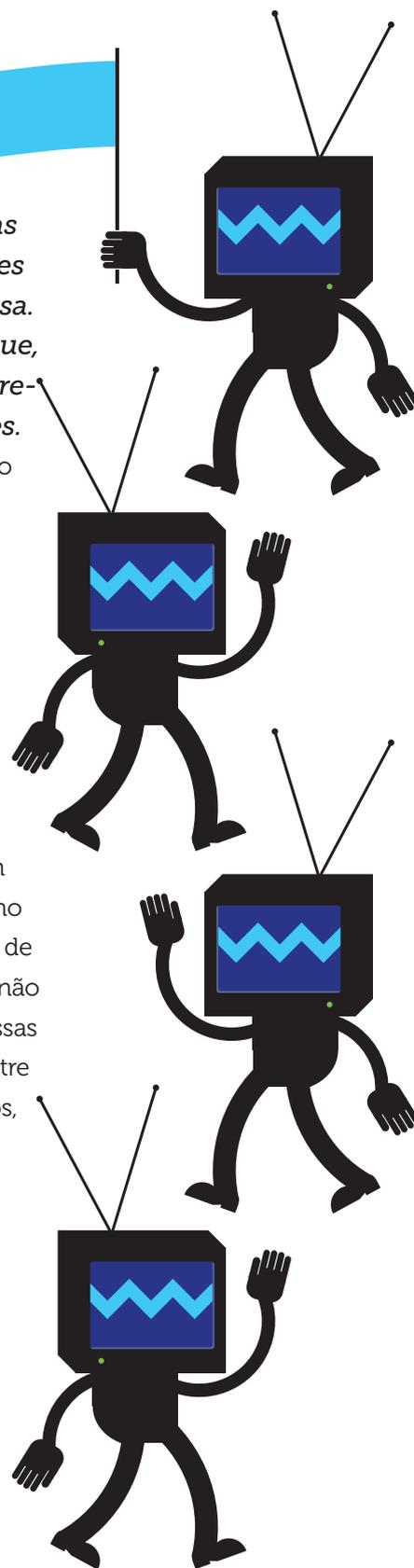
À primeira vista, os meios de comunicação manipulam as pessoas – afinal, são tantas as “modas” que os estudantes aprendem nas novelas, que a impressão que temos é essa. Basta observar as roupas, as gírias e até as brincadeiras que, uma vez que aparecem nos meios de comunicação, parecem se disseminar como mágica entre as novas gerações.

Mas a história é um pouco mais complicada. Na verdade, a relação dos indivíduos com os meios de comunicação não é de passividade.

Está certo que esses meios têm uma enorme capacidade de difusão de informações, fatos e ideias, produzem e reproduzem mensagens que correspondem aos interesses dos grupos que os controlam, ou seja, a mídia produz a realidade, delineando e difundindo uma determinada visão ou interpretação desta. Mas os indivíduos – e isso inclui os adolescentes e os jovens estudantes da escola pública – não estão passivos e nem desprotegidos diante das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação.

Isso porque, nós, seres humanos, vivemos juntos, em rede, com família, amigos, colegas de escola e parceiros de trabalho. É no interior dessas redes, que as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação são analisadas – e serão deixadas de lado caso não façam sentido. O processo de interagir com as mensagens expressas pela mídia envolve, portanto, mediações bastante complexas entre indivíduos e grupos possuidores de identidades e códigos próprios, que recebem, interpretam e re-significam essas mensagens o tempo todo. ***Cada um de nós é produtor ativo de novos sentidos, a partir dos usos que fazemos dos meios em nossa vida cotidiana.***

Em outras palavras: ao interagir com as mensagens a respeito de um novo comportamento, só vamos adotá-lo se ele fizer sentido para nós. É por isso que algumas modas “pegam” e outras não. Ao mesmo tempo, mesmo a moda que “pega” vai sofrer adaptações, para adequar-se aos hábitos e aos costumes locais.



Com isso, não estamos diminuindo a importância dos meios de comunicação. Pelo contrário: na sociedade contemporânea, cada vez mais, eles influenciam a maneira como as pessoas veem o mundo e a si mesmas, interagem fortemente na construção, desconstrução e reconstrução das experiências de vida das pessoas. O que estamos fazendo é resgatar a importância de quem está na outra ponta e que foi, por muito tempo, chamado apenas de “receptor”.

A Educação pela Comunicação nasce num contexto em que as elites sociais e econômicas têm mais acesso aos meios de comunicação e que os dominam com maior facilidade, conseqüentemente, as mensagens e as imagens mais difundidas refletem uma perspectiva “elitizada” da realidade. Como transformar esse cenário? Um caminho é promover o acesso de todos à produção e à difusão de mensagens que reflitam seus interesses, necessidades e experiências de vida.

Para isso, é necessária a participação ativa das pessoas. É preciso que todos se envolvam na produção e na disseminação de peças, produtos e processos de comunicação que sejam socialmente relevantes e que sirvam de mediadores à construção do conhecimento e da própria realidade. Esse processo contribui fortemente para uma democratização da comunicação, ou seja, a democratização da produção de informações e de mensagens. É uma iniciativa que favorece a participação daqueles que, normalmente, são excluídos da grande mídia, capacitando-os a produzir seus próprios meios de comunicação.

+ Saiba Mais

PRODUÇÃO DE MÍDIAS ALTERNATIVAS

Essa forma de produção que rompe com a dualidade emissor-receptor. Os processos de produção-recepção-disseminação se interpenetram e constituem um fluxo contínuo, no qual os próprios produtores das mensagens são também receptores e disseminadores. O processo ganha complexidade, na medida em que um número cada vez maior de pessoas tem a possibilidade de se engajar e participar ativamente, contribuindo para uma democratização da produção de mídia. Essas iniciativas possibilitam dar voz a segmentos sociais normalmente excluídos da grande mídia e da sociedade, capacitando-os a produzir seus próprios meios comunicação e de inserção social.

*John Downing,
pesquisador americano, autor do livro Mídia Radical.*



Educação

O processo de aprendizagem que acontece por meio da Educação pela Comunicação rompe com os fundamentos da educação tradicional, especialmente com a ideia de que o conhecimento é transmitido do educador para o aluno, e se alinha com os princípios e práticas defendidos pelo Construtivismo, pelo Sociointeracionismo e pela Pedagogia Crítica.

No campo da educação, vai reaparecer a ideia de que o estudante não é somente um receptor passivo de conhecimentos, mas que este participa ativamente do seu processo de aprendizagem. O conhecimento é entendido como construção, ou seja, como a elaboração de algo novo, a partir da relação do sujeito com a realidade e com outros sujeitos. O sujeito aprende pelo fazer, mas em relação com os outros. Ele se desenvolve numa interação dialógica.

Essa concepção ultrapassa a noção do conhecimento, enquanto "aquisição" de habilidades ou capacidades individuais. A ideia é que os indivíduos, atuando de forma conjunta, operem uma transformação da participação. Nesse processo de aprendizagem, o conhecimento, o saber, é fruto da ação coletiva mediada por artefatos. A experiência concreta e compartilhada entre os indivíduos é que é valorizada. A construção do conhecimento deixa de ser uma ação interna ao sujeito e passa a ser vista como uma produção coletiva e social.

Mas a construção do conhecimento é permeada também por relações de poder. O ato de conhecer leva em conta a dialética das relações de poder existentes na sociedade, a relação entre opressores e oprimidos, entre dominantes e dominados. Nessa perspectiva, educar implica permitir que os oprimidos se apropriem de suas próprias histórias culturais e transformem suas condições de vida e, portanto, a sociedade, ou seja, torna os educandos mais críticos e aptos a fazerem escolhas informadas e agirem em prol da democracia e da justiça social.

A educação é entendida como a construção e a implementação de um projeto de vida pessoal e coletivo, que parte das demandas relevantes no contexto social e cultural.

PEDAGOGIA CRÍTICA:

AS IDEIAS DE PAULO FREIRE

Freire argumentava que o conhecimento não pode ser imposto, nem é uma “doação” do educador para o educando. A relação de ensino-aprendizagem é um processo dinâmico, de transformação recíproca e contínua. O conhecimento é construído numa relação dialógica, reflexiva, através do contato do indivíduo com o mundo e com outros indivíduos. O diálogo é uma ação de comunicação, que envolve a crítica e a problematização da realidade. Implica em um ato constante de desvelar a realidade, posicionando-se nela como ser histórico. O processo envolve as experiências vividas pelos educandos, seus desejos e sentimentos. O conhecimento é concebido como uma forma de ação, de intervenção na realidade.

SÓCIO INTERACIONISMO

Foi o psicólogo russo Lev Vigotsky (1896-1934) quem primeiro chamou atenção para a importância da interação social no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano. Para ele, as origens da vida consciente e do pensamento abstrato devem ser procuradas na interação do organismo com o contexto histórico-social. Enquanto no referencial Construtivista, o conhecimento é entendido como ação do sujeito sobre a realidade (o sujeito é considerado ativo), o modelo proposto por Vigotsky enfatiza a construção do conhecimento como uma interação mediada por várias relações. O sujeito se desenvolve e aprende através da troca com outros sujeitos, internalizando papéis e funções sociais, construindo novos conhecimentos e sua própria consciência nesse processo.

Vigotsky buscou entender como acontece a ação interpessoal, a interação e a concebeu como um processo mediado por “artefatos”. Um dos “artefatos” de mediação mais estudados por ele foi a linguagem humana. Ele conceituava a linguagem como uma “ferramenta socialmente construída”, através da qual o sujeito constrói tanto suas relações com os demais quanto consigo mesmo. Portanto, Vigotsky partiu dos processos de comunicação humana para entender a construção do conhecimento e da própria consciência.

O CONHECIMENTO COMO CONSTRUÇÃO

O filósofo suíço Jean Piaget (1896-1980) foi o primeiro a propor a ideia de que todo conhecimento é construção, ou seja, elaboração de algo novo, a partir da relação do sujeito e o objeto. O sujeito estabelece uma ação de troca com o ambiente que pressupõe mecanismos de assimilação e acomodação em um processo contínuo. A assimilação acontece quando o sujeito age ativamente sobre o objeto, apreendendo suas características e qualidades de acordo com as possibilidades de seu estágio de desenvolvimento. Ao mesmo tempo, reestrutura seus conhecimentos anteriores, através do mecanismo de acomodação. Existe, no entanto, uma tendência à busca de equilíbrio, sempre momentâneo, que Piaget chamou de equilíbrio.

MEDIAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

Seguidores de Vigotsky, como Keneth Gergen, Micheal Cole e Bárbara Rogoff, conceituam o conhecimento como participação nas relações sociais. Eles abandonam a ideia do conhecimento como “aquisição” de habilidades ou capacidades individuais. A ideia é que os indivíduos, juntamente com seus parceiros nas atividades que realizam conjuntamente, operam uma transformação da participação. O conhecimento é o resultado, não somente da ação individual, mas da ação coletiva, intersubjetiva, mediada por artefatos. Essa perspectiva valoriza não somente a interatividade, mas também a experiência concreta e compartilhada entre os indivíduos. A construção do conhecimento deixa de ser uma ação intrínseca ao sujeito, cognitiva e passa a ser uma produção social, mediada por sistemas simbólicos.

Participação Social

Ao nos referirmos aos “novos movimentos sociais” estamos, obviamente, nos contrapondo a uma modalidade “antiga” ou “tradicional” de participação. O que seria isso?

Em sua primeira acepção, os movimentos sociais se organizam a partir de uma definição de identidade de classe – ricos x pobres ou, para usarmos a expressão cunhada por Karl Marx, capital x trabalho. Cumpre esclarecer que, ao classificar essa concepção como tradicional, não se está considerando-a como ultrapassada. Os movimentos operário-sindicais, que materializam a dicotomia capital-trabalhado teorizada por Marx, continuam ativos e fundamentais para a constituição de uma sociedade democrática.

Mas já em seu início, essa referência às classes sociais mostrava-se insuficiente. Isso porque cada pessoa assume, ao longo da vida, diferentes identidades que não decorrem diretamente de seu lugar na relação de produção (chefe x empregado). Um bom exemplo disso foram os movimentos das mulheres operárias, nascidos praticamente ao mesmo tempo em que o socialismo, sen-

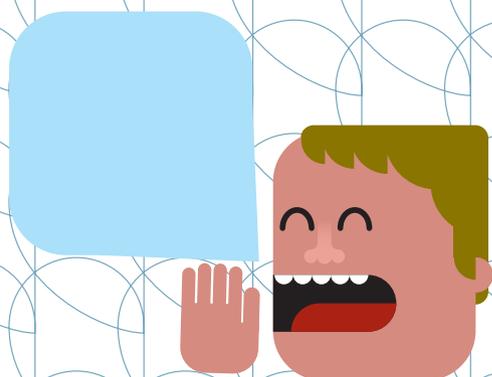
do os primeiros a apontar para o fato de que as mulheres tinham demandas próprias que não eram solucionadas dentro do sindicato. Atualmente, o final da década de 60 é considerado célebre pela explosão da multiplicidade de movimentos sociais. De lá pra cá, o mundo testemunha a multiplicidade de mo-

vimentos – negros, gays, ambientalistas, ruralistas, feministas, pacifistas, veganistas, imigrantes, indígenas, consumidores, tra-

balhadores sem teto ou sem terra, ativistas antiglobalização, atingidos por barragens etc. Isso sem

falar nas intersecções entre eles, graças à variedade de identidades que cada um de nós pode assumir ao mesmo tempo. Em outras palavras, é perfeitamente possível encontrar movimentos organizados que enfatizam as vulnerabilidades sofridas por homossexuais negros ou por mulheres trabalhadoras sem-terra, apenas para ficar em dois exemplos.





Os professores também se organizaram e suas ações de mobilização são outro exemplo de intersecção entre as identidades: são trabalhadores organizados contra a opressão e, ao mesmo tempo, preocupados com outras questões não necessariamente relacionadas ao salário, como por exemplo, à qualidade da educação. Há uma identidade do que é “ser professor”, forte o suficiente para convocar esse grupo.

Além de trazer à tona a questão das identidades, os novos movimentos sociais se diferenciam por incluir tanto segmentos da classe média quanto pessoas à margem do mercado de trabalho. É muito comum que tais movimentos adotem a estratégia da articulação através de redes – convergindo interesses, organizando ações conjuntas, constituindo reivindicações coletivas e buscando visibilidade social.

Outra característica desses novos movimentos é que a participação neles é livre (sem mecanismos de controle como, por exemplo, a sindicalização). Eles também não visam “tomar o poder” pela conquista do Estado, mas sim constituir espaços políticos a partir dos quais procuram afetar hábitos e valores da sociedade, de modo a interferir nas políticas estatais, visando contribuir com a elaboração de políticas públicas.



NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

O feminismo faz parte daquele grupo de “novos movimentos sociais”, que emergiram durante os anos sessenta (o grande marco da modernidade tardia), juntamente com as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do “Terceiro Mundo”, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com “1968”. O que é importante reter sobre esse momento histórico é que:

- Esses movimentos se opunham tanto à política liberal capitalista do Ocidente quanto à política “estalinista” do Oriente.
- Eles afirmavam tanto as dimensões “subjetivas” quanto as dimensões “objetivas” da política.
- Eles suspeitavam de todas as formas burocráticas de organização e favoreciam a espontaneidade e os atos de vontade política.
- Como argumentado anteriormente, todos esses movimentos tinham uma ênfase e uma forma cultural fortes. Eles abraçaram o “teatro” da revolução.
- Eles refletiam o enfraquecimento ou o fim da classe política e das organizações políticas de massa com ela associadas, bem como sua fragmentação em vários e separados movimentos sociais.
- Cada movimento apelava para a identidade social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e às lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como a política de identidade — uma identidade para cada movimento.

NOVAS FORMAS DE AÇÃO SOCIAL: A CIDADANIA ATIVA

A cidadania no mundo contemporâneo é entendida como um exercício cotidiano. Ela envolve uma transformação das relações sociais. Esse processo, em grande medida, decorre da ação dos movimentos sociais pelo reconhecimento de novos sujeitos de direito (mulheres, negros, homossexuais, índios etc.). A cidadania passa, assim, a ser vista como afirmação e reconhecimento de direitos e, também, como uma nova sociabilidade, onde se busca mais igualdade nas relações sociais.

Evelina Dagnino,
Professora de Ciências Sociais da Unicamp

Stuart Hall,

A identidade cultural na Pós-Modernidade

PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO PELA COMUNICAÇÃO

Inclusão

A produção de uma peça de comunicação requer diversas habilidades: escrever, desenhar, entrevistar, filmar, fotografar, narrar, organizar, operar equipamentos e programas de informática. Nenhum talento vale mais do que o outro. Quanto mais diversos os estilos e as competências, mais rico o trabalho. O respeito à diversidade também é importante para que a peça de comunicação produzida seja efetivamente inclusiva, contemplando a riqueza humana e disseminando conteúdos e opiniões livres de preconceito.

Criatividade

A Educação pela Comunicação transgride os padrões formais e desafia professores e estudantes a transformar, reconstruir, inventar. Como resultado, ambos abandonam a posição de meros consumidores ou reprodutores de modelos pré-existentes e passam a enxergar, pensar e propor o novo.

Motivação

Uma das forças da Educação pela Comunicação reside justamente na capacidade de sedução que a mídia e as tecnologias exercem sobre seus potenciais participantes. Esse fascínio aumenta quando os estudantes se envolvem diretamente na rotina produtiva de uma peça de comunicação, experimentando e conhecendo o modo como se planejam e executam as diversas etapas desse processo.

A
m
ti
C

Comunicação
Comunicação
Comunicação

Observação Crítica e Experimentação

A “desconstrução” dos diversos produtos de mídia é o primeiro passo. Só assim, os estudantes poderão observá-los em profundidade e identificar suas características. Os objetivos são desenvolver o senso crítico e a capacidade de análise, ampliar o universo de referências e provocar reflexões e questionamentos, comparações e confrontos, através dos quais todos consigam formar suas próprias opiniões.

A observação crítica é seguida da experimentação, que permite aos estudantes conhecer as nuances e dominar os fazeres inerentes à produção de cada meio de comunicação. Testar, errar e tentar mais uma vez até que se chegue ao resultado desejado: essa é a dinâmica da metodologia, que está sempre estimulando o estudante a superar seus limites pessoais e os obstáculos que surgem no seu caminho.

Participação Ativa

A Educação pela Comunicação pressupõe a inserção do estudante como sujeito ativo em todas as etapas do processo. Reconhecê-lo como tal implica em deixar de lado a idéia de que o professor é o único detentor do conhecimento. A metodologia abre espaço para a iniciativa, as idéias e a criatividade de todos, assim como os desafia a negociar e encontrar caminhos que viabilizem a construção coletiva.

Interatividade

Professores e estudantes são co-autores das ações e dos produtos que realizam. Fazem parte de uma mesma equipe e tomam decisões a partir do diálogo e da conciliação de desejos. Os professores provocam, harmonizam as relações, integram pessoas e resultados e orientam os estudantes em relação a conteúdos e técnicas. Esses, por sua vez, contribuem com suas experiências pessoais, sua criatividade e seu profundo conhecimento sobre o público-alvo do produto, que geralmente são seus próprios pares ou a comunidade em que estão inseridos.

Integralidade

A participação na produção de uma peça de comunicação favorece o desenvolvimento integral dos estudantes, aqui compreendido como aquele que engloba os quatro pilares da educação, assim conceituados por Jacques Delors:

Aprender a aprender pressupõe tornar-se um investigador atento, capaz de estabelecer pontes entre os diferentes saberes e entre estes e seus significados para a vida cotidiana: os estudantes aprendem a pesquisar, selecionar, processar e sistematizar informações.

Aprender a fazer significa adquirir conhecimentos técnicos e tecnológicos e desenvolver habilidades práticas: os estudantes aprendem a elaborar suas peças de comunicação em meio ao próprio processo produtivo. Aprendem a fazer, fazendo, colocando em dia as suas potencialidades criativas.

Aprender a conviver compreende o desenvolvimento da capacidade de interagir, ouvir,

propor, negociar, viver e trabalhar em coletividade: as decisões são tomadas em conjunto e as tarefas são divididas entre todos, conforme o potencial, o desejo e a disponibilidade de cada um.

Aprender a ser diz respeito aos valores e atitudes: a Educação pela Comunicação instiga o estudante a se conhecer melhor, a reconhecer suas características e aspirações e a revisar suas convicções pessoais. O prazer da realização age sobre a auto-estima e favorece a descoberta de talentos.

Para saber mais:

Jacques Delors, Educação: Um Tesouro a Descobrir, UNESCO, 1996.

QUALIDADE

Uma vez que o produto reflete e consolida a qualidade do processo, a Educação pela Comunicação busca excelência em ambas as dimensões – processo educativo e produto gerado. Ou seja, um bom produto em termos de conteúdo, técnica, estética e aplicabilidade é um indício de que os estudantes que o confeccionaram desenvolveram-se em todas as dimensões esperadas e que o material está pronto para cumprir a sua função de educar e/ou mobilizar novos grupos.

25

Afetividade e Cooperação

Estudantes e professores se articulam em equipes de trabalho e se co-responsabilizam pelo processo educativo e pelo produto que dele emerge. A partilha de objetivos e de um cotidiano cooperativo acaba por transformá-los em um grupo de companheiros, unidos por laços de amizade e por relações baseadas na afetividade, no querer bem e no cuidado com o bem-estar e o desenvolvimento de si mesmo e do outro.

Capítulo

2



Por onde começar?

Já vimos que as tecnologias da informação e comunicação, por meio da metodologia da Educação pela Comunicação, podem ser grandes aliadas dos professores em sua tarefa na sala de aula. Afinal, a sociedade está passando por mudanças profundas, muitas das quais envolvendo diretamente os meios de comunicação. Tais transformações levaram pesquisadores da área de educação – como Bernardo Toro – a incluírem a capacidade de receber criticamente os meios de comunicação como uma das competências fundamentais para se sair bem no novo mundo em que estamos vivendo.

Bernardo Toro nomeou tais competências fundamentais como Códigos da Modernidade. Os Códigos da Modernidade, sete ao todo, estão listados no capítulo 1 deste Guia.

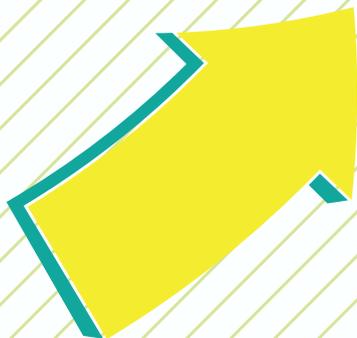


“Enquanto orientação, enquanto a consciência do sentido que é trabalhar a comunicação na escola, isso pra mim amadureceu bastante, foi muito válido, a gente conseguir trabalhar com os alunos e trazer pra eles essa importância da comunicação, (...) de forma mais consciente”
(Adeilde Ferreira, Colégio Municipal Laura Folly).

“Eu cheguei à conclusão que eu pensava que essas tecnologias seriam mais um elemento dentro de um projeto. Lá pelo meio, eu percebi que ela era a personagem principal do projeto. O tempo todo, eu tô tentando fugir disso, não transformar a tecnologia em mais um elemento do projeto, fazer com que ela seja o projeto. Porque projeto, eu já estava acostumada a fazer e a tecnologia entrava mais como um registro do trabalho da gente, e eu já percebi que não é pra ser assim.”(Clementina Paraguassu, Escola Municipal Profa Anfrisia Santiago).

“Os instrumentos tecnológicos que tinham na escola só existiam e hoje eles têm um significado maior”
(Maria do Carmo Lima, Escola Municipal Profa Altair da Costa Lima).

Mas como, exatamente, podemos trabalhar com essa metodologia na escola?



A metodologia da Educação pela Comunicação relaciona-se intimamente com a prática de educar por meio de projetos. Projeto didático, vale a pena lembrar, pode ser definido como “Um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolve uma situação-problema. Seu objetivo é articular propósitos didáticos (o que os alunos devem aprender) e sociais (o trabalho tem um produto final, como um livro ou uma exposição, que vai ser apreciado por alguém”

Essa definição foi dada por Anderson Moço, repórter da Revista Nova Escola, na matéria Tudo o que você sempre quis saber sobre projetos, edição nº 241, publicada em abril de 2011.

Ao propor o desenvolvimento de um produto final, o projeto didático dá novo sentido às atividades desenvolvidas na escola. Afinal, o que é mais estimulante: escrever uma redação que será corrigida e engavetada, ou escrever um texto que vai integrar um livro, uma exposição, um jornal... que será compartilhado por toda a escola? No mundo atual, em que as tecnologias permitem que todos tenham seus “quinze minutos de fama” e podem tornar-se autores (de blogs, fotografias, imagens...), a segunda opção soa muito mais animadora.

De forma análoga, um sistema de rádio na escola pode ir muito além de um sistema de som: pode converter-se em um rico fórum de debates que vai estimular os alunos a refletir sobre questões relacionadas à escola e à comunidade.

Os projetos didáticos também têm por objetivo envolver mais os estudantes nas atividades. Mais animados, é mais fácil que eles se tornem corresponsáveis pela própria aprendizagem, participando ativamente do processo. Graças a isso, a atividade se torna fundamental para modificar a dinâmica na sala de aula e na escola como um todo.

A adoção de projetos didáticos também favorece a produção de conteúdo, o trabalho interdisciplinar nas escolas (embora não seja obrigatório) e as atividades em grupo entre os estudantes. Agora, o desafio que nos resta é entender o papel da comunicação dentro do projeto.

Será que basta contar com a presença das tecnologias de informação e comunicação em uma das etapas do projeto didático, para que este se constitua em um projeto de Educação pela Comunicação?

Para entender melhor a pergunta, vamos imaginar a seguinte situação: em uma escola pública municipal, os professores de português, história e artes se organizam para realizar com as turmas de quinta série um projeto interdisciplinar, que deve resultar em uma peça de teatro, apresentada para a comunidade do entorno da escola. Detalhe: essa apresentação será gravada em vídeo. Podemos considerar este um projeto de Educação pela Comunicação?

Vejamos que pistas essa situação-problema nos dá para podermos responder a pergunta: sabemos que o projeto é interdisciplinar, o que vai ao encontro das necessidades da educação em um mundo em mutação constante, em que as fronteiras entre as diversas áreas de saber tornam-se cada vez mais frágeis e questionáveis. Sabemos, também, que trabalhos com artes tendem a adotar posturas construtivistas, com as quais a Educação pela Comunicação se identifica. Outro dado interessante é o fato de o projeto ter um resultado final que vai ser compartilhado com a comunidade, o que atende à demanda de participação social, que a metodologia da Educação pela Comunicação vem trazer para a escola.

Vimos que a culminância do projeto será gravada – “ah, então tem comunicação!”, podemos pensar. Mas será que isso é suficiente?

Ou, em outras palavras, que espaço a comunicação precisa ter nos projetos, para que possamos considerá-lo como um projeto em Educação pela Comunicação?



Essa pergunta pode ser desdobrada em outras tantas:

1. As atividades do projeto, propostas pelos professores, favorecem que os estudantes desenvolvam um olhar crítico sobre os meios de comunicação de massa com os quais interagem?

2. As atividades do projeto estimulam os estudantes a irem além do papel de receptores da comunicação de massa, estimulando-os a desenvolver suas próprias fala e opinião?

3. Ao longo do processo, a qualidade do produto final vai refletir a qualidade do processo? Ou estamos mais concentrados em fazer uma culminância bonita? Ou ainda, valorizamos o dia a dia e esquecemos a qualidade técnica do produto?

4. Estudantes e professores serão coautores da atividade? Ou os estudantes estão no projeto para fazer o que os professores querem?

5. As diversas habilidades do grupo de estudantes - como escrever, desenhar, entrevistar, filmar, fotografar, narrar, organizar, operar equipamentos e programas de informática - estão sendo valorizadas e aproveitadas? Ou o predomínio é das atividades de escrita?

6. Os professores estão aproveitando o fascínio que a mídia exerce sobre os estudantes como um fator de motivação para a atividade? Ou os meios de comunicação seguem sendo tratados como competidores da educação?

7. Afetividade, cooperação e criatividade são encaradas como elementos-chave de todo o processo?

8. O estudante está sendo estimulado a atuar como sujeito de sua própria aprendizagem em todas as etapas do projeto didático?



Essas perguntas estão relacionadas aos princípios da Educação pela Comunicação, que você vê ao longo desta obra. Essas perguntas servem como parâmetros para a realização do projeto e não é necessário sentir-se ansioso, caso nem todas sejam respondidas com um "sim" neste primeiro momento.

Não se trata de desvalorizar os demais projetos que a escola tem, muito pelo contrário: todo projeto é importante e deve ter respeitado os seus pré-requisitos para dar certo. A questão é deixar claro que, em Educação pela Comunicação, a metodologia e seus princípios são mais importantes do que a mera presença da tecnologia. Isso é o que chamamos de comunicação instrumental, ou seja, estar a serviço da prática educativa como um mero instrumento, um acessório, sem ambições transformadoras, sem propor nenhuma mudança na prática educativa.

A perspectiva instrumental da comunicação é adotada em inúmeros modelos de inserção das tecnologias nas escolas – como, por exemplo, a lousa eletrônica, que substitui a lousa de giz ou o quadro branco, mas não muda a forma de dar aula. Ou da adoção dos tablets em alguns cursos pré-vestibulares: o equipamento substituiu os famosos módulos, mas não substituem o ensino “decoreba” adotado por essas instituições.

A comunicação como instrumento não é, em si, ruim. A lousa eletrônica tem sido muito útil e carregar um tablet é muito mais fácil do que levar módulos pesados. A questão que não podemos deixar de levar em conta é: o uso instrumental da comunicação não explora todas as possibilidades da tecnologia em questão e não atende a todas as necessidades das escolas.

Em lugar de atuar como substituta de uma tecnologia já existente, as características e potencialidades das tecnologias serão incorporadas à escola, levando a uma transformação no processo de ensino-aprendizagem.

Dizendo de outro jeito: um tablet é um equipamento que permite a conexão à Internet por meio de redes sem fio e a criação de material audiovisual, podendo ser utilizado em pesquisas online e produção de conteúdo que pode ser publicado na Internet, para que o mundo inteiro o acesse – é, portanto, uma ferramenta que casa bem com a necessidade de se desenvolver a competência de “localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada”, segundo os Códigos da Modernidade de Bernardo Toro, e o “Aprender a aprender”, de Jacques Delors.

Diante dessas possibilidades, utilizá-lo como mero repositório de arquivos digitais implica uma subutilização, que não atende às necessidades da escola contemporânea.

“Aprender a aprender” é, segundo Jacques Delors, um dos quatro pilares da educação. Os outros três são Aprender a Ser, Aprender a Conviver e Aprender a Fazer. Delors foi o relator da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), com a qual colaboraram educadores do mundo inteiro.

O desafio da Educação pela Comunicação é fazer com que a tecnologia ocupe um papel estruturante na instituição educativa.





De forma análoga, um sistema de rádio na escola pode ir muito além de um sistema de som: pode converter-se em um rico fórum de debates que vai estimular os alunos a refletir sobre questões relacionadas à escola e à comunidade. Um laboratório de informática não precisa ser uma sala em que os estudantes vão interagir com joguinhos educativos: pode e deve ser um espaço de interação.

Um aparelho celular não precisa limitar-se a ser motivo de desentendimento entre professores e estudantes: pode ser um artefato de criação.

Dizendo de outro jeito: ao ser encarada como elemento estruturante da prática educativa, a tecnologia apoia as transformações no processo de ensino-aprendizagem – transformações que estão de acordo com o que concluíram estudiosos da educação contemporânea. Implica permitir que a tecnologia esteja na escola inteira: com suas possibilidades de pesquisa, de produção de conteúdo, de qualificar o debate e - por que não? - com o seu caos. Esse é o desafio proposto pela metodologia da Educação pela Comunicação.

Uma das atividades do projeto "Escola Interativa: sistematizar e disseminar em parceria" foi desconstruir, entre os professores das escolas participantes, a perspectiva instrumental da tecnologia na escola – passo indispensável para a constituição de um bom projeto em Educação pela Comunicação. Como vimos, só assim será possível explorar a variedade de potencialidades que os meios de comunicação levam para a escola. Todos os projetos desenvolvidos estão, na íntegra, no anexo dessa publicação.



A PRODUÇÃO PASSO A PASSO

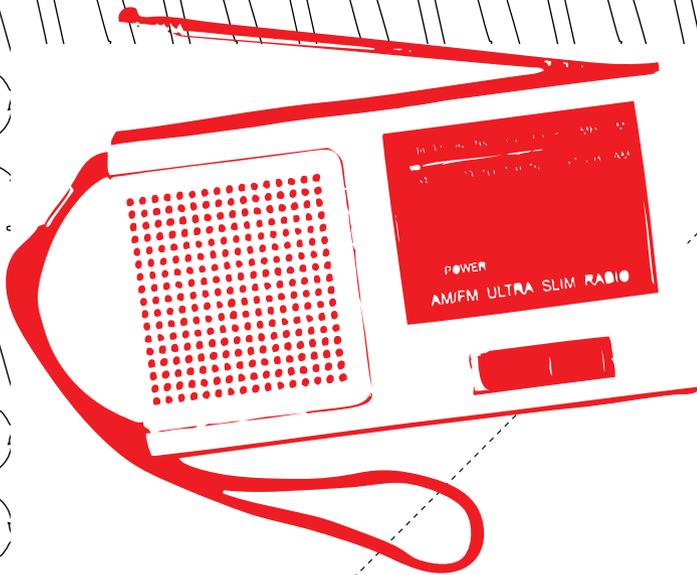
Já entendemos o que é Educação pela Comunicação e já sabemos quais as características fundamentais de um projeto didático que utilize essa metodologia.

A pergunta que nos resta é: como pôr essas ideias em prática na escola? Que passos nós podemos seguir para incluir as tecnologias da informação e comunicação de maneira estruturante na escola? Qual a receita de um bom projeto em Educação pela Comunicação?

Felizmente, essa é uma pergunta com múltiplas respostas. A educação não é uma ciência exata e não há receita certa, o que significa que temos um largo espaço para a criatividade, a inspiração, a inovação. Compartilharemos nesse capítulo, o caminho sistematizado pela CIPÓ – Comunicação Interativa em sua ação de Educação pela Comunicação com crianças, adolescentes e jovens ao longo dos nossos onze anos de atuação.

Esse conhecimento pode ser útil para quem está começando, mas é bom que se diga que existem outros caminhos possíveis a seguir. Sabemos que cada escola é um mundo, com seus próprios problemas e potencialidades. Portanto, estejam à vontade para adaptar cada uma das etapas apresentadas de acordo com o contexto, necessidade e possibilidade. Mais importante do que as etapas, são os princípios que a sustentam.





PLANEJAMENTO, quando se define como será o projeto e quando se realiza o projeto pedagógico;

SENSIBILIZAÇÃO, que marca o início do projeto e integra a comunidade escolar ao mesmo;

PLANEJAMENTO
SENSIBILIZAÇÃO
PRODUÇÃO
Pesquisa e Produção de Conteúdo
Produção Técnica
Edição e Finalização
LANÇAMENTO
AVALIAÇÃO

Dividimos o processo de produção em cinco etapas:

PRODUÇÃO, na qual se constrói a peça de comunicação propriamente dita;

LANÇAMENTO, quando se exibem os resultados do projeto para a comunidade escolar ou para uma outra turma;

AVALIAÇÃO, que mede a qualidade da aprendizagem durante o processo.

PLANEJAMENTO

Planejar é decidir qual peça de comunicação fazer na escola, por quem, para quem, com que prazos e com quais recursos. Quanto mais participativo for o planejamento, mais fácil será “emplacar” o projeto. O ideal é que os diversos segmentos da comunidade escolar estejam representados neste momento: professores, estudantes, coordenadores pedagógicos, diretores, funcionários, pais e mães de alunos.

Claro que não é um momento fácil. Afinal, cada um desses atores tem desejos próprios, muitas vezes, difíceis de ser conciliados. Mas vale a pena investir no diálogo: já vimos nos capítulos anteriores que o trabalho em grupo (chamado por Jacques Delors de Aprender a Conviver) é uma das aprendizagens que a metodologia da Educação pela Comunicação pode proporcionar. Além disso, quanto mais participativo for o planejamento, maiores as chances de ele dar certo.

A produção deve responder às seguintes perguntas:

O QUE FAZER:

Quais professores e turmas estarão diretamente envolvidos no projeto.

QUEM FAZ:

Definir uma peça de comunicação, ligada ao projeto pedagógico e à cultura da escola.

PRA QUEM FAZER:

definir prazos e cronograma para sensibilização, produção, lançamento e avaliação.

COM QUANTO FAZER:

Definir o público-alvo para quem se direciona a peça.

QUANDO FAZER:

Quais são os recursos e os materiais necessários para produção, divulgação, lançamento e distribuição. Levantar as possibilidades de parcerias e articulações.

Foi esse o esquema adotado pelos professores da Centro Educacional Normélio Moura da Costa (Dias D'Ávila):

O QUE FAZER: entrevista dramatizada e em vídeo; folder, revista e fanzine eletrônicos; fotonovela.

QUEM FAZ: professor de língua portuguesa, professora de Princípios de Filosofia e Sociologia e coordenação pedagógica.

PRA QUEM FAZER: alunos de 9º ano e de 7º ano

COM QUANTO FAZER: folha de ofício, lousa, caderno, filmadora, máquina fotográfica, som, computador

QUANDO FAZER:	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro
Planejamento	X	X						
Sensibilização		X	X					
Produção			X	X	X	X		
Lançamento						X	X	
Avaliação							X	X

37

VALE A PENA LEMBRAR QUE PLANEJAMENTO NÃO É ENGESSADO. O PLANEJAMENTO ORIGINAL PODE E DEVE SER AMADURECIDO, DE ACORDO COM AS NECESSIDADES DA ESCOLA, DO PROJETO E DAS NOVAS DESCOBERTAS QUE FOREM REALIZADAS AO LONGO DO PROCESSO. PLANEJAR E RE-PLANEJAR SÃO AS PALAVRAS-CHAVE.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES:

Envolver representantes de toda a comunidade escolar no processo de planejamento - alunos, professores, coordenação pedagógica e direção | Levar em conta a vontade dos participantes | Negociar conflitos | Levar em conta o calendário escolar na definição dos prazos | Aproveitar os recursos que a escola já tem | Buscar parcerias ou articulações | Estar preparado para as mudanças de planos.

No processo educativo, o professor ensina e aprende. Ensina suas experiências, maturidade, ensina a ser, a fazer, a aprender. Mas as aprendizagens do educador, que não são planejadas pelo educando, vão além das relações humanas. Por exemplo, a característica profissional do educador de escola pública, que é aprendida, desenvolvida frente às dificuldades e aos desafios que são apresentadas no cotidiano de sala de aula, na carência de materiais e de recursos. Planejamos, re-planejamos e desenvolvemos uma estratégia dinâmica e criativa de solucionar problemas que nos surpreendem, com planos que vão além do papel. Plano A, B, C, D. Ser professor é ter a arte da autoconfiança e coragem de improvisar frente às dificuldades. Se o plano A não deu certo, entram em ação outros planos, dando continuidade ao processo sem medo de errar, pois no erro residem grandes aprendizagens para as próximas construções, que se somam experiências e maturidades para a caminhada como educador.

(Profa Claudia Cristiane Verçosa Simões de Farias, Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade)

38

Com relação à questão de planejar e re-planejar, também aconteceu. Primeiro, pela questão das turmas, a gente havia planejado um número "x" de turmas e, devido à demanda, a gente viu que não ia dar conta. Também, pelo nível de acompanhamento deles: eles não conseguiram acompanhar.

Para a primeira ação, nós planejamos a questão do cinema. Era para uma data "x", mas a gente dependia da secretaria, e o encontro só aconteceu em uma data "y". Como você vai usar relatos, fotografias... Você precisa de outro planejamento.

(Profa Flávia Rita Rebouças Cerqueira, Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade)

Eu tenho um monitor que trabalha comigo lá em Salvador, e ele já se disponibilizou a vir aqui trabalhar com os alunos na rádio, porque ele já trabalha com isso. Então, já que eu não posso levar os meus alunos, eu vou trazer uma pessoa preparada, para que eles possam manipular a mesa, que eles não sabem. (...) Eu vou me responsabilizar - não é a Secretaria da Educação - pela logística, por trazer a pessoa, não vou pagar, a gente consegue através da amizade. E isso é uma dificuldade. Mas eu estou tentando, essa é a minha condição.

(Profa Maria do Carmo Lisboa Lima, Escola Municipal Profa Altair da Costa Lima)

SENSIBILIZAÇÃO

Cumprida a etapa do planejamento, é necessário sensibilizar os demais atores da escola – em outras palavras, anunciar a existência do projeto para a turma ou para a comunidade escolar, mobilizando-a a participar ativamente do processo. Como o próprio nome indica, a sensibilização funciona como uma preparação. Pode ser que os estudantes não estejam acostumados a trabalhar com projetos e estranhem a nova metodologia, reagindo negativamente às novidades ou mesmo “provocando” o professor. Uma boa atividade de sensibilização vai neutralizar essas reações antes mesmo que elas aconteçam, criando um sentimento de que o projeto é de todos. Vale a pena deixar a imaginação fluir, para encontrar a melhor forma de sensibilizar os públicos da escola. Pode ser um evento, esquete teatral, um concurso (por exemplo, para selecionar o nome do jornal, rádio, blog), confecção de cartazes, visitas aos alunos em sala de aula ou o que mais a imaginação sugerir.

Com os meninos eu não tenho tanta dificuldade (em sensibilizar), mas com os professores... Envolver os meninos é explicando. Hoje mesmo, eu sei, passei na escola e disse: estou indo para o curso da Cipô! (...) Comecei falando do Cofic, da Cipô, qual era a ideia, o que a gente teria que fazer... E eles estão vendo que eu estou aprendendo junto com eles. Que eu venho aqui aprender alguma coisa, depois eu vou lá dividir com eles e a gente vai tentando.

(Profa Clementina C. Paraguassu, Escola Municipal Profa Anfrisia Santiago)

São vocês mesmas que estão me ajudando a trabalhar a sensibilização do meu aluno, fazê-lo entender o que é errado na escola. Percebi que vou ter que trabalhar com meu aluno dessa forma. Não é só jogar a rádio na escola, ver quem tem a voz melhorzinha, ver quem sabe escrever melhor, “faça ai” e pronto. Preciso trabalhar com eles de outra forma, trazer eles para conhecer esse formato de rádio, para que eles ouçam outros trabalhos. Alguns alunos até tiveram a ideia de visitar uma rádio e eu estou procurando uma por aqui (pela cidade) (...), até pela questão de logística, pra não ter que ir lá em Salvador. (...) São formas de sensibilizar. O ideal não é fazer as coisas prontas e aí fazer uma “grande apresentação” e o menino estar lá trabalhando sem nenhuma consciência. Acho que uma coisa puxa a outra: esse curso serve para me sensibilizar primeiro, enquanto professora, e eu conseguir sensibilizar o meu aluno.

(Profa Adezilde Márcia S. Ferreira, Colégio Municipal Laura Folby)

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES:

- Realizar a sensibilização logo depois de concluir o planejamento, para não deixar o entusiasmo “esfriar”;
- Usar a imaginação, com o objetivo de criar um sentimento de que o projeto é de todos;
- O ideal é que o evento de sensibilização seja realizado com todos os públicos do projeto. Caso o projeto tenha a pretensão de envolver toda a escola, o evento deve ser realizado nos três turnos de aula.

PRODUÇÃO

Enfim, chegou a hora de colocar a mão na massa! A etapa de produção inclui o conjunto de atividades que culminam com a construção, propriamente dita, da peça de comunicação da escola.

O primeiro passo é delinear melhor o planejamento inicial, definindo os conteúdos e o formato da peça de comunicação a ser produzida. Em outras palavras, decidir quantas páginas terá o jornal, quantas seções terá o site, qual será o tempo de duração do vídeo ou do programa de rádio ou ainda que materiais entrarão na composição do mural.

Os seguintes passos ajudam a organizar a etapa de produção:

1. PESQUISA

Estudar a respeito do meio de comunicação que se vai produzir: conhecer a linguagem utilizada por ele, a tecnologia envolvida, como se produz;

Ampliar as referências que se tem do produto, conhecendo diferentes tipos e formatos. Se a ideia é produzir uma revista, vamos além daquelas que são mais conhecidas: conhecer também as revistas feitas por pequenas editoras, em formatos diferentes. Em outras palavras, explorar os potenciais do meio de comunicação escolhido;

Estudar o assunto que será tratado no meio de comunicação

2. PRODUÇÃO DE CONTEÚDO

Hora de produzir os roteiros, pautas, laudas (textos que orientam a produção de uma matéria), de acordo com o produto que se está desenvolvendo. Isso implica escrever ou adaptar os textos para o formato do produto escolhido. Por exemplo: se a escola quer produzir um vídeo, este é o momento de criar o roteiro; se vai fazer um jornal, devem ser produzidas as pautas das matérias e definir as questões das entrevistas; se for fazer um programa de rádio, a turma vai escrever a lauda do programa; se for fazer uma história em quadrinhos, vai desenhar uma story board (o roteiro no formato de história em quadrinho).

3. REVISÃO DA PRODUÇÃO

Revisar a gramática e o conteúdo dos textos produzidos na etapa anterior.

4. PRODUÇÃO TÉCNICA

Momento de ir a campo para fotografar, gravar, filmar, entrevistar... o procedimento varia de acordo com a peça de comunicação que se está produzindo;

Os estudantes podem sair em duplas ou trios, para realizar as tarefas que dizem respeito a essa etapa;

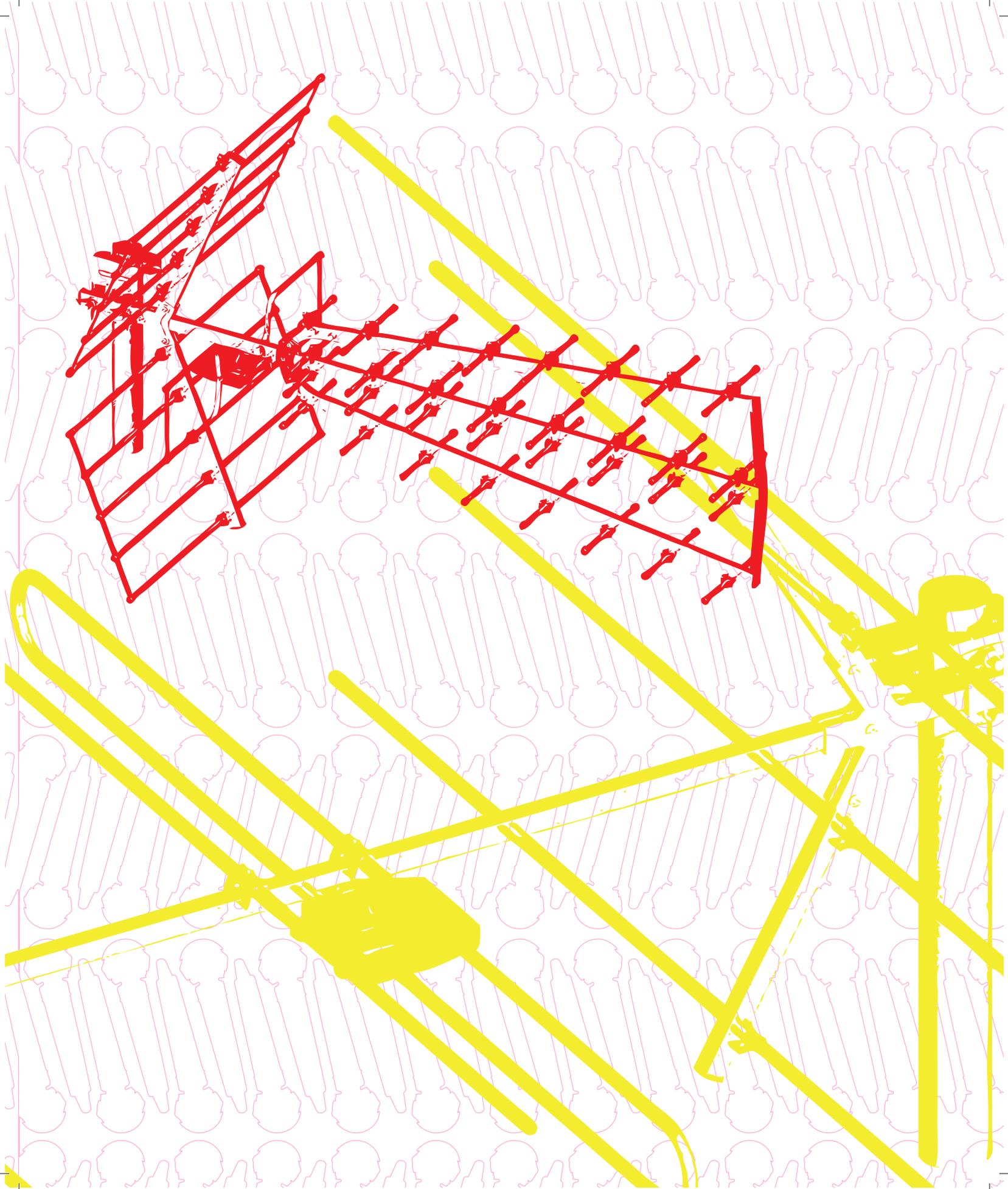
É muito importante que as tarefas sejam distribuídas de acordo com os talentos, mas também de acordo com o desejo dos estudantes.

5. EDIÇÃO

Outro momento técnico, em que é preciso selecionar as imagens e os textos produzidos (fotografias, entrevistas etc.) e dar forma a eles, compondo o produto final. Nesse momento, será necessário o acompanhamento de alguém que conheça a parte técnica (diagramar o jornal, editar as fotografias, o vídeo ou o programa de rádio etc.)

6. FINALIZAÇÃO

Depois do produto pronto, uma revisão geral.



DEPOIMENTO

A ENTREVISTA DE EMPREGO: AUTOCONHECIMENTO, CONHECIMENTO DE MUNDO, PSICOLOGIA E SUCESSO. (MARCOS SOUZA, PROFESSOR, E JAQUELEIDE SOUZA DE LIMA, COORDENADORA PEDAGÓGICA)

A Escola Normélio Moura da Costa propôs-se a trabalhar com a entrevista de emprego, que leva o cidadão a mais importante atividade da vida adulta: o trabalho. O público-alvo divide-se em dois: os alunos de 6º ano (não se deve aguardar crescer para ter noções básicas de assunto tão importante) e alunos de 9º ano, que começam a querer independência financeira, ou mesmo percebem a necessidade de ajudar na manutenção da economia familiar.

No entanto, um bom emprego só se consegue com muita competência e conhecimento de si mesmo. É então, que a escola deve contribuir, ajudando o aluno no desenvolvimento de competências aparentemente específicas, pois essas competências despertam-se concomitantemente com o despertar de valores sociais perpétuos.

Eu (profº Marcos) estou trabalhando com as turmas de 9º ano e a professora Rosana Santos, com as turmas de 6º ano.

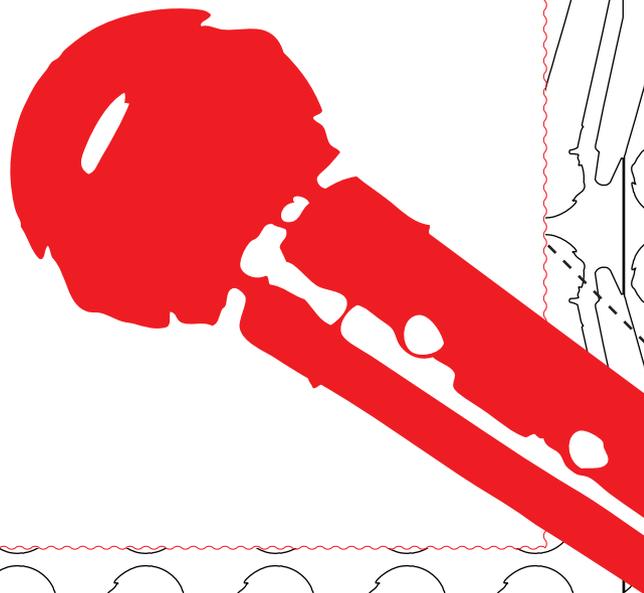
Logo na primeira conversa sobre o tema com os alunos de 9º ano (turno vespertino), houve uma reação muito positiva e a aceitação foi imediata. Levei uma redação, supostamente feita por um candidato à vaga em uma empresa. Os alunos deveriam ler e responder às questões propostas, tais como: há no texto uma informação, dada pelo candidato, que comprometa sua contratação? O candidato, ao escrever o texto, esqueceu algum item solicitado pela empresa? A linguagem com a qual o candidato escreveu o texto está adequada para o fim a que se destina? Sem uma reflexão sobre quem é, o candidato pode responder/desenvolver, favoravelmente, uma redação para emprego? E outras mais.

Após a leitura e a resolução das questões, debatemos todas elas, de maneira bem humorada e, também, conversamos sobre roupas, gestos, postura, controle emocional, linguagem oral, horário, conhecimentos prévios e gerais etc.

Só então houve a divisão em equipes para que pudessemos realizar as atividades de entrevista de emprego elaboradas por eles, tais como: folder eletrônico, entrevista filmada, entrevista ao vivo (em sala), revista eletrônica etc.

A atividade de folder, a primeira a ser feita, foi executada na própria escola. Os alunos tiraram fotos e elaboraram o folder na sala da coordenação, sob a supervisão da coordenadora. Durante muitos dias, os alunos “incomodaram” a coordenadora, “invadindo” sua sala no período da manhã ou da tarde, apossando-se de seu computador portátil e ocupando sua sala.

Convencer os alunos a utilizar imagens suas foi a parte mais difícil. Eles queriam mesmo era capturar imagens da web. Como eles sairiam nas fotos? Quem sairia? Que cara fazer? Que roupa usar? Como circular pela escola com roupas formais? Qual o melhor ângulo para a foto? Mostrar ou não o rosto? Esses questionamentos se fizeram presentes na segunda fase do trabalho (a primeira foi a pesquisa na web sobre erros a serem evitados em uma entrevista de emprego, perguntas mais frequentes e muito mais). A organização do folder não foi problema, há um programa para esse fim: trabalhamos com o Publisher. Convencemos os alunos a inserir imagens deles mesmos e o trabalho foi concluído, com sucesso. Mostramos o resultado para as turmas e pronto: de quem será o próximo trabalho?!



LANÇAMENTO

Lançar é realizar um evento, com o objetivo de apresentar a peça de comunicação concluída a toda a comunidade escolar. É o que se chama normalmente de “culminância” do projeto.

Essa etapa é importante pelo seu efeito de criar nos alunos e nos professores o desejo de utilizar a peça de comunicação em outras atividades educativas e de integrar-se ao projeto. Também exerce um efeito positivo na autoestima dos alunos que participaram da produção e veem seu trabalho valorizado e comentado por seus colegas e professores.

A natureza do evento depende da peça de comunicação produzida.

ALGUMAS SUGESTÕES:

- **Vídeo:** criar na escola um momento para exibi-lo para os demais membros da comunidade;
- **Para um blog ou site:** abrir o laboratório de informática para visitação;
- **Fotografia:** fazer uma exposição das imagens;
- **Rádio:** criar na escola momento para ouvir o programa coletivamente, ou ainda ter computadores ou reprodutores de música com fones de ouvido disponíveis.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES:

Valorizar o processo: mostrar produtos que não foram usados neste trabalho, fotos das atividades, textos;

É importante convidar pessoas que colaboraram com o projeto na escola;

É preciso estar atento ao horário, para que a maioria dos alunos e professores da escola possa participar;

É importante fotografar o evento e entrevistar alunos, professores e convidados. Com esse material,

é possível fazer um texto que sirva para a próxima edição do produto.

AVALIAÇÃO

Avaliar é registrar os avanços qualitativos dos alunos participantes do projeto, bem como observar as potencialidades e fraquezas da peça de comunicação produzida, corrigindo os eventuais problemas para a edição seguinte:



44

A avaliação do aluno...:

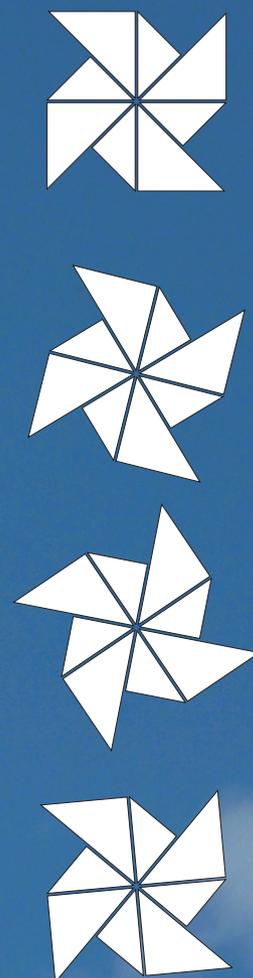
- ... É processual, de acordo com a realização das atividades e tarefas acordadas;
- ... Beneficia-se do registro de todo o processo, por escrito e por imagens. Além de virar um rico material de consulta para a escola, o registro ajuda a identificar o crescimento dos alunos, facilitando a avaliação final;
- ... Leva em conta a pontualidade, a responsabilidade e o relacionamento em equipe;
- ... Promove a autoavaliação entre os alunos.

A avaliação do produto... :

- ... Começa a ser feita ao longo do processo, corrigindo distorções e problemas, antes que eles cresçam ao ponto de inviabilizar o produto;
- ... É concluída logo após o seu fechamento ou lançamento;
- ... Lista pontos fortes e pontos fracos;
- ... Beneficia-se da ajuda de um profissional ou de uma instituição parceira da escola, para que se tenha um “olhar externo” sobre a peça.



Capítulo
4



MOBILIZAR: verbo

Transitivo direto e pronominal

1. Causar a mobilização de (algo ou alguém ou de si próprio), movimentar(-se), mover(-se)

Transitivo direto e pronominal

2. Pôr(-se) em ação (conjunto de pessoas) para uma tarefa, uma campanha etc.

Transitivo direto

3. Conclamar (pessoas) a participarem de uma atividade social, política ou de outra natureza, insuflando-lhes entusiasmo, vontade etc.

Todo mundo mobiliza

- mesmo sem usar esse nome. Seja para convencer um amigo a respeito de uma ideia de programa para o fim de semana, seja ao explicar em quem queremos votar nas próximas eleições e o porquê. Neste último capítulo, vamos abordar a mobilização como ação deliberada que visa à transformação de uma realidade que não traz benefícios ou que pode ser melhorada. Em outras palavras, vamos discutir o que é a mobilização social.

A mobilização está presente em outros momentos do projeto em Educação pela Comunicação na escola: mobilizamos quando realizamos ações de sensibilização para estudantes e outros professores, com o objetivo de despertar neles o desejo de participar do projeto. Se alcançada a meta de sensibilizar os estudantes, é provável que a participação deles seja mais motivada do que se o único interesse em integrar a ação fosse a nota.

O projeto de Educação pela Comunicação também inclui ações de mobilização quando, uma vez com o produto pronto, realizamos ações para dar visibilidade ao que foi feito - ou, em outras palavras, fazemos o lançamento do produto. Ao dar visibilidade ao produto feito, chama-se a atenção para a possibilidade de se criar uma comunicação criativa na escola e multiplicam-se as chances de o projeto ser plenamente assumido pela escola.



Os incomodados são os que mudam

O primeiro passo para a constituição de uma ação de mobilização social é o sentimento de incômodo, inquietação, insatisfação, diante de uma determinada realidade. Se tudo está bom, não há porque se preocupar. Mas a realidade da escola, bem como a da comunidade, cidade, estado e país, não é perfeita. Há inúmeras questões a serem encaradas e com as quais podemos contribuir - ainda que seja com uma “gota d’água”. ▶

O desejo de mudar é, portanto, o motor da ação mobilizadora - nesse caso, não são “os incomodados que se mudam”, mas os que mudam, ou tentam mudar a realidade que causa insatisfação.

Para tanto, é preciso organizar-se. Por isso, a mobilização social também é entendida como a organização da ação e dos pensamentos de

um grupo de pessoas que deseja alcançar um determinado objetivo em comum - seja colaborar com a melhoria da educação pública ou com os cuidados com meio ambiente.

Esta organização da ação e do pensamento não se conquista apenas com o uso de argumentos lógicos e racionais sobre o atual estado da situação que se quer mudar. É claro que é importante estudar e entender o que se passa. Mas tão importante quanto explicar a importância de mobilizar-se para mudar a realidade é mexer com a emoção das pessoas. É preciso convencer-se de mudar a partir de um desejo, seja o de um Brasil sem Fome, o da paz mundial ou o que mais tocar o coração. A melhor forma de fazer isso é realizar ações que criem um “imaginário convocante” que faça sentido para toda a comunidade e que desperte paixão em seus integrantes. ▶

Então, é preciso identificar uma necessidade que clame por transformação e reunir as pessoas em torno de seu desejo de mudar isso, gerando ações contínuas e duradouras.

Mas o que isso tem a ver com um projeto de Educação pela Comunicação?

Na fábula do incêndio na floresta, todos os bichos grandes fogem em debandada. O único a ficar é o beija-flor, que levando algumas gotinhas d’água em seu bico, tenta debelar o fogo. Quando perguntado sobre o motivo pelo qual perdia o tempo com aquilo, uma vez que o incêndio era muito maior, o beija-flor respondeu: “estou apenas fazendo a minha parte”

“Mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados.”

Bernardo Toro

A Mobilização e a Educação pela Comunicação



A Educação pela Comunicação é o processo educativo pelo qual se criam produtos de comunicação com potencial para gerar novos processos de mobilização e transformação social. Isso quer dizer que os produtos criados nas escolas não se destacam apenas por terem sido realizados em um contexto educativo. O ponto positivo deles é a sua habilidade de despertar em seus públicos o desejo de agregar-se a uma causa maior – o tal “*imaginário convocante*”.

Aqui, estamos pensando grande e, é claro, nem sempre esse processo vai ser simples. Mas vale lembrar que a relevância de uma ação de mobilização social não se resume ao seu tamanho, e sim ao grau de engajamento de seus participantes. Em outras palavras, mais vale uma ação pequena, cujos integrantes estejam empenhados em participar do que uma ação grandiosa em números, cujos participantes não estejam de fato com o desejo de participar. Exatamente por isso a participação nas ações de mobilização é livre – não é necessário inscrição e muito menos deve haver proibição de afastar-se do grupo quando o participante assim julgar conveniente. Mais uma vez: o mais importante é que os participantes compartilhem um imaginário comum e se esforcem voluntariamente para alcançá-lo.

Possíveis desdobramentos da produção da peça de comunicação

Um projeto de Educação pela Comunicação na escola pode ter inúmeras repercussões na escola, muitas das quais vão além do impacto na vida escolar do estudante. Destacamos algumas:

Produção de novos materiais didáticos

Uma vez que as peças de comunicação – jornais, blogs, programas de rádio, vídeo – são elaborados a partir de temas relacionados ao currículo escolar, o produto final gerado pela escola pode ser convertido em um material didático personalizado que integra o conhecimento de diversas turmas. Com isso, professores e estudantes transformam-se em produtores de conhecimento, criando peças que podem ser utilizadas para ensinar conteúdos formais e transversais de forma contínua.

Os estudantes podem ser estimulados a pesquisar textos sobre o assunto e, depois, produzir seus próprios textos. Uma coletânea de textos sobre a temática da mobilização, produzida pelos próprios jovens, vai despertar em outros o interesse pelo assunto.

Uma vez que as peças de comunicação – jornais, blogs, programas de rádio, vídeo – são elaborados a partir de temas relacionados ao currículo escolar, o produto final gerado pela escola pode ser convertido

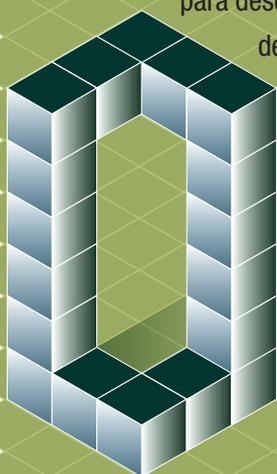
Há muitos clássicos da nossa literatura que abordam o assunto Mobilização Social. Um bom exemplo é “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto:

“Um galo sozinho não tece uma manhã: / ele precisará sempre de outros galos. / De um que apanhe esse grito que ele / e o lance a outro; de um outro galo / que apanhe o grito de um galo antes / e o lance a outro; e de outros galos / que com muitos outros galos se cruzem / os fios de sol de seus gritos de galo, / para que a manhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os galos.”

Criação de uma cultura de paz e tolerância

Ao trabalharem em parceria na criação de uma peça de comunicação, professores e estudantes tornam-se mediadores de conflitos, questões e desafios internos à escola – afinal, nada como trabalhar junto para desenvolver um sentimento de parceria. O que se espera é que esse sentimento de parceria seja materializado nas peças de comunicação e que estas tragam mensagens de melhoria da relação entre as pessoas, respeito e afeto, ressaltando qualidades positivas, revelando e valorizando talentos. A cultura de paz e tolerância pode, assim, ser mais valorizada dentro da escola.

Ao trabalharem em parceria na criação de uma peça de comunicação, professores e estudantes tornam-se mediadores de conflitos, questões e desafios internos à escola – afinal, nada como trabalhar junto



Fomento à participação social

Por definição, a peça de comunicação produzida na escola é feita a partir de múltiplas contribuições dos diversos membros da comunidade escolar. O produto final funciona como instrumento de expressão de ideias e sentimentos, abrindo espaço, na medida das possibilidades da instituição escolar, para que os diversos segmentos tenham voz e vez. O que se espera com isso? Que o meio de comunicação seja uma alternativa às intrigas, às fofocas e às reclamações “de corredor”, que não mudam nada na vida da escola. Ao participar ativamente da produção da peça de comunicação, estudantes e professores são convidados e estimulados a participar e se envolver em um processo democrático, expondo suas ideias, críticas, opiniões; respeitando opiniões contrárias às suas, criando um ambiente propício à construção de novas ações e relações.



Articulação da escola com a comunidade

Quando a integração entre a escola e a comunidade acontece, as peças de comunicação produzida acabam por revelar um olhar mais profundo e sensível sobre esses dois ambientes – a escola e a comunidade. Nesse processo, estudantes e professores descobrem a comunidade, produzindo matérias sobre o bairro, suas riquezas, história, serviços e personagens, seus problemas e soluções.

O que se espera com isso é o aumento da interação entre a escola e seu entorno, valorizando regiões que, muitas vezes, são marginalizadas ou estigmatizadas pelos próprios moradores. Ao lançar-se um olhar mais positivo para o bairro ou comunidade, aumentam-se as chances de os estudantes – muitas vezes, moradores dessas regiões – desenvolverem mais a autoestima e a solidariedade. Aumentam também, as chances de a escola conquistar parcerias e ser mais respeitada dentro da comunidade em que está situada.

Quando a integração entre a escola e a comunidade acontece, as peças de comunicação produzida acabam por revelar um olhar mais profundo e



51

Desenvolvimento do senso crítico

A peça de comunicação produzida também pode ser utilizada para atualizar, aprofundar e desenvolver o senso crítico em relação aos temas polêmicos do dia a dia da escola e da comunidade. O jornal, rádio, mural ou blog da escola podem se tornar um espaço para discutir assuntos presentes nos grandes meios de massa (novelas, telejornais) ou que estejam mobilizando o bairro, a cidade e o país (eleições, violência, omissão do poder público).



Exercício da responsabilidade social

Depois de pronta, a peça de comunicação pode ser distribuída / divulgada entre a comunidade, para conscientizá-la sobre questões sociais relevantes. A peça de comunicação pode ser o ponto de partida para a criação de campanhas que convocam a participação social solidária. Como resultado, temos maior consciência e responsabilidade de todos em relação à comunidade.

Recomendações:

Valorizar assuntos polêmicos que estejam presentes no dia a dia dos corredores da escola.

Valorizar e incorporar a contribuição de cada pessoa que se aproxima.

Valorizar os depoimentos.

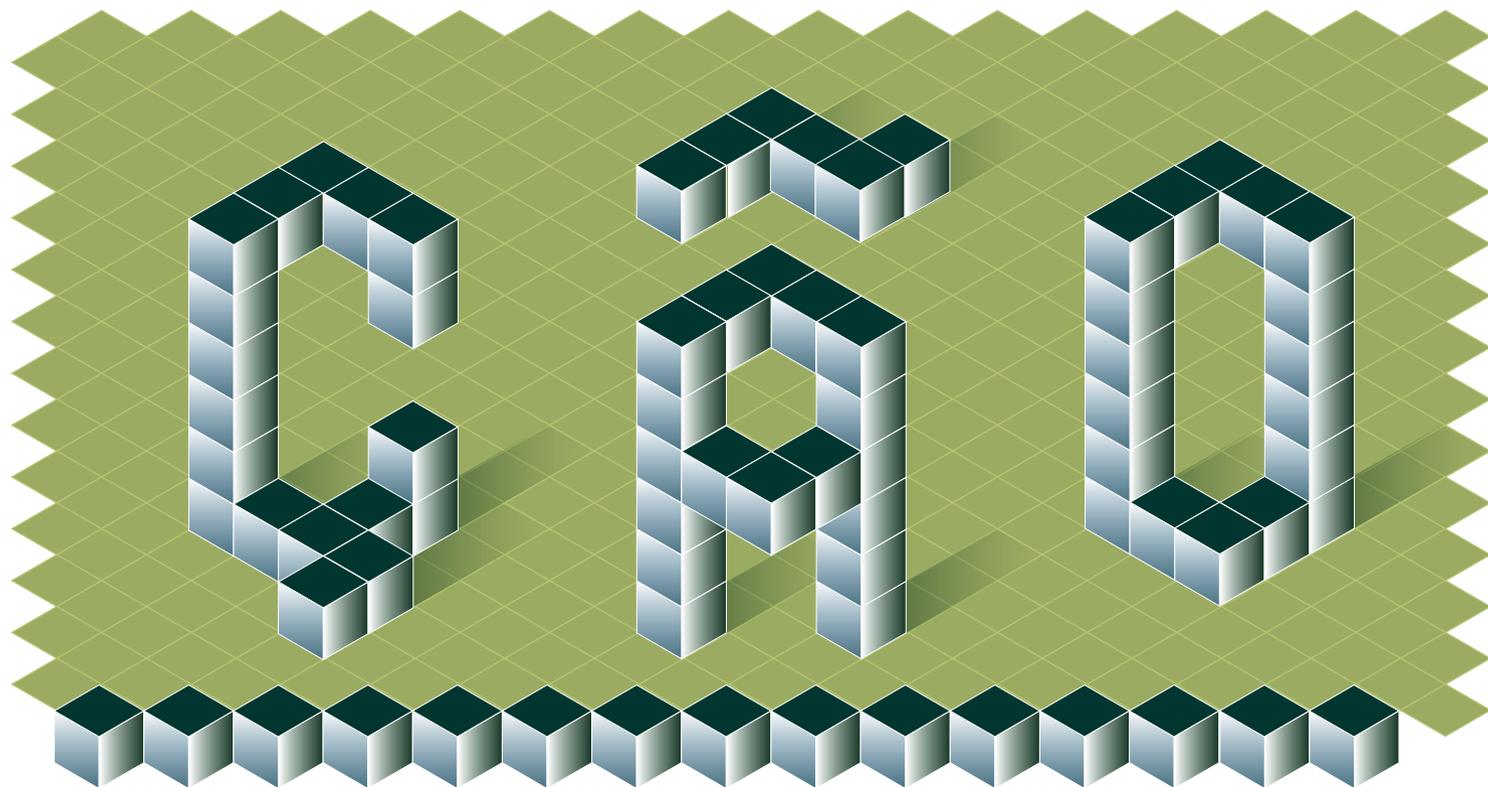
Nunca se esquecer de dar os créditos para quem contribuiu com as peças de comunicação ou com a realização das atividades.

Organizar campanhas e eventos, convidando especialistas e estimulando as pessoas a participar.

Fazer enquetes e promover debates sobre os temas que serão abordados nas peças de comunicação.

É interessante tratar, também, de assuntos que atraem a atenção de grupos específicos e não apenas dos assuntos que sejam de interesse de toda a escola.





AS 7 APRENDIZAGENS BÁSICAS PARA CONVIVÊNCIA SOCIAL

- 1) Aprender a não agredir o semelhante (fundamento de todo modelo de convivência social)
- 2) Aprender a comunicar-se (base da autoafirmação pessoal ou do grupo)
- 3) Aprender a interagir (base dos modelos de relação social)
- 4) Aprender a decidir em grupo (base da política e da economia)
- 5) Aprender a cuidar de si (base dos modelos de saúde e seguridade social)
- 6) Aprender a cuidar do entorno (fundamento da sobrevivência)
- 7) Aprender a valorizar o saber social (base da evolução social e cultural)

Fonte: TORO, Bernardo. *O que é mobilização social*. Disponível em:

<<http://www.nossasalvador.org.br/site/colunas/135-o-que-e-mobilizacao-social>>. Acesso em: 28 de agos de 2011

Se pudéssemos resumir o que vem a ser a Mobilização Social dentro de um projeto de Educação pela Comunicação nas escolas, diríamos que a Mobilização é, a um só tempo, objetivo e consequência do processo de elaborar uma peça de comunicação na escola. Objetivo, porque o que se deseja é que os estudantes se engajem em causas, situações e atividades que estejam além dos muros da escola e da preocupação com a nota e a aprovação. E consequência, porque o ato de comunicar implica compartilhar ideias e fortalecer a interação entre as pessoas, ou seja, mobilizar.



REFERÊNCIAS

BENEKE, Sallee; HELM, Judy Harris. *O poder dos projetos – novas estratégias e soluções para a educação infantil.* Rio de Janeiro: Artmed, 2005.

CASTORINA, Jose Antonio; FERREIRO, Emilia; LERNER, Delia; OLIVEIRA, Marta Kohl de. Piaget-Vygotsky: Novas Contribuições para o Debate. São Paulo: Ática, 1995.

DELORS, Jacques eT. AL. *Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.* EUFRAZIO, José Carlos (trad). São Paulo-SP: Cortez, 1998.

MARTINS, Jorge Santos. *Trabalho com projetos de Pesquisa: do Ensino Fundamental ao Ensino Médio.* 6 ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

NOVA ESCOLA. *Tudo o que você sempre quis saber sobre projetos.* Edição 241 - Abril/2011.

Anexo

Proposta de Criação de Projeto
de Comunicação e Educação nas Escolas
ESCOLA MUNICIPAL CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

PROPOSTA

Desenvolvimento de atividades interativas e interdisciplinares para construção de um blog. Buscando fortalecer a relação escola e aluno, envolvendo-os pedagogicamente no mundo digital, aproveitando os conhecimentos e aparatos tecnológicos como ferramentas no ensino, haja vista que os educandos fazem uso do celular, bluetooth, internet, mp's naturalmente no seu cotidiano.

JUSTIFICATIVA

Considerando que os educandos possuem o conhecimento intelectual fragmentando e dificuldades na leitura escrita e oralidade,, mas em contrapartida um elevado envolvimento com os recursos tecnológicos a sua disposição.

A utilização da tecnologia pelos alunos, desarticulada do processo de ensino contribui negativamente para a aprendizagem, pois, os mesmos envolvem-se com o equipamento de forma distraída, como lazer, dispersando facilmente da dinâmica em sala de aula.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Desenvolver como potencialidade pessoal os quatro pilares fundamentais na formação do cidadão: Aprender a conhecer- a fazer- a conviver- a ser. Utilizando os recursos tecnológicos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Promover a melhoria da leitura da escrita e oralidade, visando alimentar o domínio das competências e habilidades necessárias a formação do cidadão crítico, através da criação de um blogger interativo; Valorizar as diversas formas de linguagens como veículos competentes para a reflexão sobre a minha missão como cidadão no mundo informatizado;

Ampliar o acesso às novas tecnologias de forma processual e responsável;

Utilizar recursos tecnológicos como coadjuvante na construção de ser mais criativo e participativo nas atividades escolares.

AÇÕES

Elevar a auto-estima dos alunos através de atividade extra-classe como o passeio ao Cinema e reconhecimento de patrimônios históricos de Dias d'Ávila.

Construções de murais de fotografias com temáticas específicas para valorização da escola.

Produção de cartões postais oriundos das fotografia outrora trabalhadas para serem expostas no blogger.

Produção de um arquivo de textos e fotos das atividades praticadas na escola.

Leitura e interpretação de textos explorando a importância das novas tecnologias na escola.

Construção de um blogger escolar utilizando o arquivo outrora trabalhado.

METODOLOGIA

Pesquisa dirigida de forma interdisciplinar em livros, informativos, revistas, sites. Conhecendo, fotografando e escrevendo, realizando leitura e releitura de textos e imagens.

Proposta de Criação de Projeto de Comunicação e Educação nas Escolas

ESCOLA: Centro Educacional Normélio Moura da Costa

DOCENTES: Claudia Bastos; Jaqueline Lima; Marco Antonio Souza; Rosana Pereira

TEMA: IDENTIDADE E VALORES HUMANOS

DESCRIÇÃO

O projeto cuja temática é "Identidade e Valores humanos", visa utilizar a linguagem imagética e os recursos midiáticos para resgatar e despertar atitudes de solidariedade e respeito mútuo na comunidade escolar. O público alvo serão os estudantes das turmas de 7º e 9º anos.

1JUSTIFICATIVA

Na atualidade, não se pode negar o crescimento dos índices de violência nas comunidades e conseqüentemente nas escolas. Os estudantes convivem, todos os dias, com atitudes de desrespeito e desvalorização: à vida, à natureza, à família e ao indivíduo.

Esse projeto pretende ser canal de reflexão sobre o indivíduo como um ser de valor social, possibilitando mudanças da sua própria vida, na escola, na comunidade e na sociedade.

OBJETIVO GERAL

Possibilitar ao estudante o resgate, bem como o despertar de atitudes de respeito, convivência social e de comportamento individual e familiar que contribuam para a melhora da comunidade em que ele está inserido.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Refletir sobre os valores pessoais e sociais;

Saber portar-se em diferentes ambientes;

Utilizar recursos imagéticos para expressar valores e sentimentos humanos;

Produzir e expor para a comunidade escolar as atividades relacionadas ao tema.

METODOLOGIA

Os educandos serão motivados a analisar individualmente e em grupos, textos que evidenciem a temática "valores e identidade" (família, sociedade, escola e o "eu"), socializadas pela mediação do professor.

Farão relatos pessoais, pesquisas e atividades de expressão artística. O material servirá de base para o trabalho que será a produção de vídeo-celular, folder, revista e um blog da escola.

AÇÕES

Escolher um nome para esse projeto;

Produção de revistas, folders e vídeos;

Dinâmicas de grupos (semanais) que reflitam sobre si mesmo (identidade) e valores humanos;

Pintura do muro da escola como expressão dos seus sentimentos e entendimento do mundo que o rodeia, visando como ele pode contribuir para que este, seja melhor;

Exposição para a comunidade das atividades desenvolvidas;

Elaboração de um blog para a divulgação das atividades da escola.

Proposta de Criação de Projeto
de Comunicação e Educação nas Escolas
Centro Educacional Padre Camilo Torrend

ESCOLA: Centro Educacional Padre Camilo Torrend
DOCENTES: Patrícia Barreto Santos, Ana Isabel de Oliveira, Luís Claudio Aguiar Silva
TEMA: Mostra fotográfica Vivendo o Brasil

PROPOSTA

Mostra fotográfica feita pelos alunos na implementação do projeto Interdisciplinar Vivendo o Brasil, objetivando conhecer, inferir, aprender e apreender os aspectos sócio-culturais, políticos e econômicos de cada década.

JUSTIFICATIVA

Participar aos nossos alunos a compreensão desse evento se constitui, num desafio que requer ações educativas articuladas nas diferentes áreas do conhecimento, buscando oferecer aos alunos a possibilidade de desenvolver competências que os instrumentalizem a conhecer os aspectos políticos, econômicos e sociais ocorridos no Brasil, assim, resultar na construção de novos conceitos visando mudança de atitudes

OBJETIVO GERAL: Desenvolver a temática " Vivendo o Brasil" a partir das pesquisas visando associar ensino e prática com diferentes fontes, disciplinas e linguagens para possibilitar dos alunos mudanças de comportamento e resgate dos valores sociais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Criticar, analisar e interpretar o anacronismo ao não atribuir valores da sociedade presente a diferentes situações históricas ocorridas no Brasil;
Trabalhar com pesquisas e imagens fotográficas
Montar uma exposição fotográfica a partir da construção dos alunos envolvendo toda comunidade escolar.

METODOLOGIA: O trabalho será implementado pelos alunos das turmas do 6º ano ao 9º ano (Ensino fundamental II), de forma interdisciplinar com a participação dos professores das diversas disciplinas na 2a e 3a unidades didáticas na tentativa de divulgar, discutir conhecer a nossa formação histórica, e com isso, criticar e aprender novos conceitos que envolvem o contexto organizacional de nosso país.

AÇÕES :

Pesquisa orientada sobre a história dos países envolvidos na Copa do Mundo.
Leitura Fílmica.
Análise e audição de documentários.
Análises e leitura de mapas, gráficos e tabelas.
Leitura e interpretação de textos diversos.
Construções de painéis temáticos.
Registro fotográfico do desenvolvimento do projeto.
Divulgação do projeto com mostra fotográfica aberta à comunidade.
Este projeto será desenvolvido por toda comunidade escolar este ano (2011).

Proposta de Criação de Projeto Comunicação e Educação nas Escolas

ESCOLA: Escola Municipal Prof^a Anfrisia Santiago

DOCENTES: Clementina, Verônica e Kátia

TEMA: Criação de fotoclípe a partir de produção fotográfica

DISCIPLINAS: Filosofia e História Português e Inglês

PROPOSTA

"Clic" E.P.A.S.- Dias d!Ávila.

Realizar um fotoclípe, a partir de produção fotográfica associadas à textos e letras de música de forma crítica. Dentro desse trabalho realizar pesquisa sobre fotografia, a máquina fotográfica, e treinar a técnica da fotografia com máquina digital. Armazenar todo material no computador, editar e produzir o fotoclípe. Realizar blog da escola para postagem do trabalho e produzir fanzines para divulgação das ações.

JUSTIFICATIVA

A escola na contemporaneidade enfrenta desafios num cenário de grandes transformações. Nesse contexto as novas tecnologias invadem cada vez mais o nosso cotidiano e a incorporação das TICs no processo educacional favorecem as mudanças características desse período em que vivemos.

A fotografia, como uma das TICs é capaz de contar para o futuro o momento registrado seja ele um costume, uma crença, um evento, uma pesquisa. É um artifício singular com efeitos tecnológicos inovadores.

Desenvolver aptidões fotográficas aumenta o valor da comunicação além de ser um método inovador, divertido e excitante. Que pode até causar um impacto social e político quando o desejo é materializado na imagem.

OBJETO GERAL

Tornar as tecnologias significativas, compreendê-las de forma cada vez mais abrangente para torná-las um referencial de aprendizagem. Compreendendo e percebendo a utilidade da tecnologia de comunicação utilizada.

OBJETIVO (S) ESPECÍFICO (S)

- Integrar as tecnologias de comunicação as metodologias e atividades no processo ensino aprendizagem;
- Desenvolver a habilidade de utilizar a fotografia inserindo diversos formatos ;
- Usar a máquina fotográfica como para registrar momentos, pensamentos e idéias

Utilizar outros recursos como armazenar , copiar , colar, editar no processo de construção de um produto;

Construir textos através da imagem e intervir de forma crítica.

METODOLOGIA

Pesquisa para o conhecimento de linguagem fotográfica. Fazer atividades correlatas associando o texto a imagem para com isso desenvolver a sensibilidade para a construção do produto, buscando a interpretação a análise crítica de outros tipos de textos, não apenas os textos escritos.

Buscar fotos com base na idéia de releitura e interpretação crítica do texto e posteriormente catalogar todo material e organizar a produção. Paralelo a isso um dos grupos confeccionará um fanzine para divulgar o blog da escola e convidar a escola para acessar esse blog, que já foi criado, divulgando as atividades, projetos , eventos da escola e que inclusive divulgará a produção principal deste projeto .

ESTRATÉGIAS

Divisão dos grupos ou turmas que formarão sub grupos com a coordenação de professores e da coordenadora que cuidarão das várias etapas do trabalho.

AÇÕES

- Pesquisa técnica sobre fotografia;
- Interpretação análise de texto que serão depois representadas com imagens ou ilustrações.
- Produção de fotos de associadas ao texto e à interpretação do mesmo.
- Organização do material e seleção das fotos
- Produção e edição do material

DESCRIÇÃO TÓPICOS

Ler ouvir e interpretar a música de Caetano Veloso "Uns". Criar, fotografar imagens associadas a letra de forma crítica. Para produzir um foto clip com esse material. Dentro desse trabalho realizar pesquisa sobre fotografia, a máquina fotográfica e treinar a técnica da fotografia com uma máquina digital. Armazenar todo material no computador e editar e produzir o fotoclip.

Maio : Pesquisa e domínio da técnica de fotografia 8º B 9º B

Reativação do blog da escola

Junho : Atividade exercício simular anunciando imagens a textos. 9º B 8º B

Julho : Construção Fanzine e organização do material

Agosto : Construção do fotoclip

Setembro : Apresentação do produto

Proposta de Criação de Projeto
de Comunicação e Educação nas Escolas

Tema: A Rádio como Instrumento de Cidadania

Escola: Laura Folly

Docentes: Adezilde Ferreira e Janilda Lopes

O QUE É

É uma proposta da Escola Laura Folly, que visa trabalhar a Rádio na Escola como um instrumento de comunicação. O trabalho com a rádio visa ampliar a socialização dos alunos na escola, estimulando o trabalho coletivo. Com isso, os alunos terão que elaborar programas de rádio, a fim de informar, de divulgar, de entreter. Assim, a rádio irá promover a interação entre os que fazem parte da comunidade da escola com conseqüente aprendizagem prazerosa.

JUSTIIFICATIVA

A rádio na escola torna-se um espaço de debate e reflexão sobre assuntos que contribuam positivamente para a própria comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, direção, pais, voluntários da comunidade do bairro, etc), motivando cada vez mais a aprendizagem e estimulando a convivência entre os pares no ambiente escolar.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Trabalhar as linguagens de rádio, contribuindo para o processo de exercício de cidadania.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Atuar junto a comunidade escolar, buscando as soluções para os problemas;

Informar fatos relevantes;

Divulgar ações/ eventos culturais de interesse da comunidade;

Promover debates;

Proporcionar entretenimento através de músicas, poesias, textos, curiosidades e brincadeiras;

Interagir com os membros da comunidade, respeitando os diferentes pontos de vista através de entrevistas e enquetes.

METODOLOGIA

Através de pesquisas sobre os assuntos elencados pela comunidade escolar, serão elaborados programas de rádio.

AÇÕES

Pretende-se realizar as seguintes atividades: leitura, escrita e discussão de textos diversos; pesquisas em livros, jornais, revistas e internet; elaboração de cartazes, painéis; entrevistas, enquetes; apresentação dos programas elaborados em grupo.

Proposta de Criação de Projeto
de Comunicação e Educação nas Escolas
ESCOLA MUNICIPAL PROF^a ALTAIR DA COSTA LIMA

PROPOSTA

Desenvolver e valorizar a imagem sonora como forma de resgatar e construir a história da escola. Muitas são as construções em sala, promovidas pelos professores e realizadas por nossos alunos e a otimização da rádio no ambiente escolar, contribuirá não apenas para a divulgação de eventos e notícias, como pode também fazer com que as construções em sala venham se tornar temas para dramaturgia, música e poesia.

JUSTIFICATIVA

O exercício da cidadania plena passa pela garantia de uma educação de qualidade que visa entre outras coisas, à promoção do uso qualificado das tecnologias e conteúdos midiáticos na educação, ressaltando o importante papel da escola como formadora de identidade histórico-cultural e geradora de um ambiente de inclusão na medida em que propõe a disseminação dos meios digitais de comunicação no processo educativo, com ênfase nos professores /as e estudantes.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver e valorizar a imagem sonora como forma de resgatar e construir a história da comunidade escolar a partir da disseminação da linguagem radiofônica no processo educativo
Objetivos específicos: Produzir um coral com os alunos; trabalhar com a linguagem radiofônica com os alunos; promover nos alunos uma identidade positiva da escola por meio do resgate da história da escola Altair; produzir uma rádio-novela com base na história de vida da professora Altair da Costa Lima.

METODOLOGIA

A realização dos trabalhos contará com o envolvimento e participação dos professores das áreas de humanas e linguagens bem como de todos os alunos do nono ano regular e do acelera I e II. Onde os alunos, mediados pelas orientações dos professores, farão pesquisas sobre a história da escola e da profa. Altair da Costa Lima, utilizando várias fontes: entrevistas com ex-alunos, e pessoas da comunidade, pesquisa no acervo da biblioteca da cidade.
As pesquisas irão selecionar imagens, textos e falas mais significativas para a montagem de uma radionovela e criação de um blog.

AÇÕES

Os alunos irão fazer pesquisa e levantamento de informações sobre a escola e a professora Altair da Costa Lima.
Farão entrevistas com ex-alunos da professora Altair e pessoas da comunidade.
Iráo trabalhar com as pesquisas em sala de aula, transformando em textos para a radionovela e reportagens.
Haverá divulgação na rádio da escola e internet com a criação de um blog.

Realização:



Correalização:



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMAÇARI
SEDUC - SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
Todos juntos por uma educação cidadã



DIAS D'ÁVILA
COMPROMISSO COM O SOCIAL
SEDUC
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

Parceria:



COMITÊ DE FOMENTO INDUSTRIAL DE CAMAÇARI

